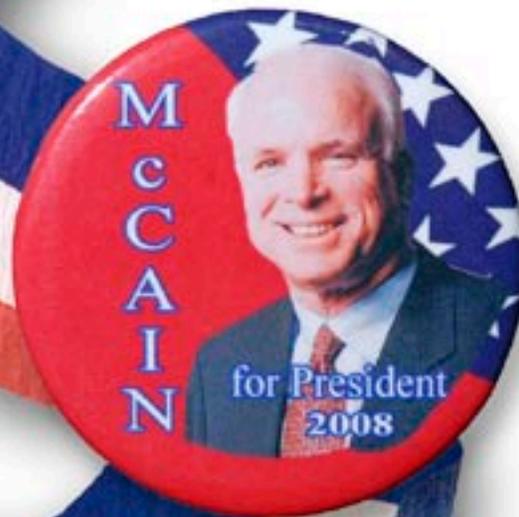




ELEIÇÕES 2008



OS CANDIDATOS



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / OUTUBRO DE 2008

VOLUME 13 / NÚMERO 10

<http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>

---

### **Programas de Informações Internacionais:**

Coordenador	Jeremy F. Curtin
Editor executivo	Jonathan Margolis

---

Diretor de criação	George Clack
Redator-chefe	Richard W. Huckaby
Editora-gerente	Anita N. Green
Editor-gerente assistente	Michael Jay Friedman
Gerente de produção	Susan L. Doner
Assistente de gerente de produção	Sylvia Scott
Produtora Web	Janine Perry

---

Editora de cópias	Rosalie Targonski
Editora de fotografia	Ann Monroe Jacobs
Ilustração da capa	Diane Woolverton
Especialista em referências	Martin Manning

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica uma revista eletrônica mensal com o logo *eJournal USA*. Essas revistas analisam as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, seguida pelas versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas edições também são publicadas em árabe, chinês e persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Bureau de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos no endereço <http://www.america.gov/publications/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*  
IIP/PUBJ  
U.S. Department of State  
301 4th Street, SW  
Washington, DC 20547  
United States of America  
E-mail: [eJournalUSA@state.gov](mailto:eJournalUSA@state.gov)

# Sobre Esta Edição



Ron Edmonds/AP Images

Balões e confetes caem depois que o candidato à Presidência aceita sua indicação em uma convenção nacional do partido

**T**oda campanha presidencial é dramática e histórica, mas à medida que o fervor que envolve as eleições de 2008 continua a aumentar, os eleitores americanos e o resto do mundo vão querer analisar mais de perto as histórias pessoais dos candidatos. Que tipo de pessoa chega ao topo do sistema político americano, quais são suas características, suas sensibilidades e suas forças?

O redator e funcionário aposentado do Serviço de Relações Exteriores dos EUA Domenick DiPasquale examina a vida de Barack Obama e John McCain, enfatizando a disposição de cada candidato de liderar o país, suas longas campanhas para obter a indicação de seus partidos e suas aspirações e realizações como líderes políticos.

David Pitts, autor de um livro sobre o presidente John F. Kennedy, introduz os candidatos a vice-presidente, Joseph Biden e Sarah Palin. Para um contexto maior sobre o papel em evolução do vice-presidente, incluímos um trecho do artigo “Never Cared to Say Goodbye” [Nunca se Preocuparam em dizer Adeus], originalmente publicado em *Presidential Studies Quarterly*.

Kelly Bronk examina as esposas e as famílias de Barack Obama e John McCain. O historiador especializado em Presidência Carl Sferrazza Anthony descreve como várias primeiras-damas americanas desempenharam um papel que é cada vez mais visível — embora em grande parte indefinido — com seus estilos únicos.

Michael Jay Friedman escreve sobre os poderes da Presidência, os deveres do presidente e os limites de poder em um sistema dividido de governo.

Também foram incluídos trechos de escritos e discursos de Obama e McCain e suas entradas no site Facebook, uma bibliografia e uma filmografia.

Duas coisas sobre essa eleição são certas: um novo presidente dos Estados Unidos tomará posse na segunda-feira, 20 de janeiro de 2009, e a transição pacífica de poder, um dos aspectos mais importantes do sistema democrático irá prevalecer, qualquer que seja o candidato vitorioso.

— Os editores



## Eleições 2008: Os Candidatos

### JOHN MCCAIN

#### 4 John McCain: Serviços Dedicados ao País

DOMENICK DiPASQUALE

O candidato republicano a presidente serviu seu país durante 50 anos como oficial da Marinha e membro do Congresso.

#### 10 Visão de John McCain para o Futuro

Trechos de “Política Externa Americana: De Onde Partir”, discurso proferido no Conselho de Assuntos Mundiais de Los Angeles, em 26 de março de 2008.

#### 11 McCain por Ele Mesmo

John McCain descreve os sentimentos que desenvolveu pelos Estados Unidos enquanto foi mantido prisioneiro de guerra por mais de cinco anos pelos norte-vietnamitas.

#### 12 John McCain no site Facebook

### BARACK OBAMA

#### 14 Barack Obama no site Facebook

#### 16 Barack Obama: Abrindo Novos Caminhos

DOMENICK DiPASQUALE

O candidato democrata a presidente é o primeiro afro-americano a ser indicado por um grande partido político.

#### 22 Visão de Barack Obama para o Futuro

Trechos de “O Momento Americano”, discurso

proferido no Conselho de Relações Exteriores de Chicago, 23 de abril de 2007.

#### 23 Obama por Ele Mesmo

Neste trecho de um de seus discursos, Barack Obama fala sobre um tempo de sua vida em que “comecei a perceber um mundo além de mim” e sobre seu desejo de ser um agente de mudança.

#### 24 Os Poderes da Presidência

MICHAEL JAY FRIEDMAN

A Constituição dos EUA delinea a autoridade do presidente, mas é suficientemente flexível para permitir que cada ocupante do cargo defina o escopo dos poderes presidenciais segundo sua própria filosofia de governo e as necessidades da época.

### CANDIDATOS À VICE-PRESIDÊNCIA

#### 26 A Valorização do Papel do Vice-Presidente

JOHN M. MURPHY AND MARY E. STUCKEY

A Vice-Presidência dos Estados Unidos cresceu em importância à medida que as demandas da Presidência aumentaram.

#### 28 Sarah Palin, Candidata do Partido Republicano a Vice-Presidente

DAVID PITTS

A governadora do Alasca tem experiência executiva e reputação de reformista.

**31 Joe Biden, Candidato do Partido Democrata à Vice-Presidência**

DAVID PITTS

O senador por Delaware tem experiência legislativa e em política externa.

**FAMÍLIAS PRESIDENCIAIS**

**34 O Papel da Primeira-Dama**

CARL SFERRAZZA ANTHONY

Desde Martha Washington, no século 18, as primeiras-damas dos Estados Unidos desempenharam esse papel singular segundo seus próprios interesses e os períodos em que viveram.

**38 A Família McCain**

KELLY BRONK

John McCain e a esposa Cindy trilharam caminhos diferentes para servir o país. A família de McCain é formada por sete filhos e quatro netos.

**40 A Família Obama**

KELLY BRONK

Barack Obama e sua esposa Michelle dedicaram grande parte de sua vida adulta ao serviço público. Eles têm duas filhas pequenas.

**RECURSOS ADICIONAIS**

**42 Box: Terceiros Partidos nas Eleições dos Estados Unidos**

Os candidatos de terceiros partidos chamam atenção para questões ignoradas na campanha.

**43 Recursos adicionais**

Livros, artigos, sites e filmes sobre John McCain, Barack Obama e o processo político americano.

# John McCain: Serviços Dedicados ao País

Domenick DiPasquale



Em campanha para presidente em Annapolis, Maryland, o senador John McCain discursa para partidários em sua *alma mater*, a Academia Naval dos EUA, em abril de 2008

*O candidato republicano a presidente serviu seu país durante 50 anos como oficial da Marinha e membro do Congresso. Embora tenha apoiado diversas iniciativas do governo Bush, McCain promete nova abordagem a questões externas e internas.*

*Domenick Domenick DiPasquale trabalhou 27 anos como funcionário de Relações Exteriores da Agência de Informações e do Departamento de Estado dos EUA em Gana, Quênia, Brasil, Bósnia, Cingapura e Eslovênia.*

A indicação de John McCain como candidato republicano à Presidência em 2008 coroa uma carreira extraordinária de 50 anos de serviços dedicados ao país.

Como piloto da Marinha, prisioneiro de guerra no Vietnã, congressista e senador dos EUA, a história de vida de McCain é marcada pela coerência de características fundamentais, tais como disposição para dizer o que pensa, fidelidade a valores e princípios profundamente arraigados, devoção ao dever e um traço de independência

defendido com veemência. Essas características, que despertaram o ódio permanente de seus algozes norte-vietnamitas e ocasionalmente até o rancor de seus colegas republicanos, também lhe renderam o apoio e a admiração de milhões de eleitores americanos.

Homem considerado pelo *Almanac of American Politics* como “o que existe de mais próximo de herói nacional em nossa política” — a Silver Star (Estrela de Prata), a Distinguished Flying Cross (Cruz Voadora por Serviços Relevantes) e a Purple Heart (Coração Roxo) estão entre as medalhas com que foi agraciado —, McCain abrilhantou seu já destacado perfil com uma campanha de posições independentes para a indicação de candidato republicano a presidente em 2000, o que prendeu a imaginação de muitos americanos. Despontou daquele esforço fracassado como uma das vozes mais respeitadas no Senado dos EUA, em especial em questões de segurança nacional, e uma das figuras mais proeminentes do Partido Republicano.

Talvez mais que qualquer outra qualidade, o

conceito de honra pessoal seja coerentemente central na personalidade pública e privada de McCain.

“Na prisão, onde minha tão prezada independência foi humilhada e agredida, encontrei o auto-respeito na lealdade compartilhada ao meu país”, escreveu McCain em sua autobiografia *Faith of My Fathers [A Fé de Meus Pais]*. “Todas as honras vêm com obrigações. Eu e os homens com quem servi aceitamos as nossas e ficamos gratos pelo privilégio.”

## OS PRIMEIROS ANOS

Filho e neto de almirantes da Marinha americana, John Sidney McCain nasceu em 29 de agosto de 1936 no território administrado pelos EUA na Região do Canal do Panamá. O legado militar de sua família, cujas raízes remontam às Terras Altas da Escócia, na verdade data da Guerra da Independência dos EUA no século 18, quando um de seus ancestrais serviu no governo de George Washington.

Nos moldes tipicamente militares, o jovem McCain aprendeu a adaptar-se rapidamente, à medida que as atribuições de seu pai obrigavam a família a mudar



Terry Ashe/Time & Life Pictures/Getty Images

O futuro candidato presidencial John McCain (centro) com o avô (esquerda) e o pai (direita), ambos almirantes da Marinha dos EUA, em foto de família dos anos 1940

Em uniforme militar; o oficial da marinha John McCain de pé junto ao pai, o almirante John McCain



© AP Images

freqüentemente de uma base naval para outra. Essa mudança constante pode ter desempenhado um papel na definição do temperamento de McCain. Como ele mesmo diz: “Em cada nova escola chegava ansioso para, por meio de minha atitude insolente, fazer novos amigos a fim de compensar a perda de outros ... (...) Em cada nova escola eu me tornava cada vez mais um chato sem remorsos.”

Em 1954, McCain se formou na Escola de Ensino Médio Episcopal em Alexandria, Virgínia, e manteve seu “compromisso inevitável” com a Academia Naval dos EUA. Na academia, embarcou no que descreveu como “trajetória de quatro anos de insubordinação e rebelião”. Conquistando reputação de companheiro afável sempre pronto para festas, colecionando vários deméritos por seu comportamento e muitas vezes enfrentando dificuldades acadêmicas, McCain perseverou e formou-se em 1958.

## PILOTO DA MARINHA E PRISIONEIRO DE GUERRA

Ao receber a patente de oficial da Marinha, McCain freqüentou a escola de pilotagem em Pensacola, Flórida, onde obteve sua insígnia de piloto. No início dos anos 1960, participou de vários destacamentos de porta-aviões para o Mediterrâneo. Contudo, com o crescente envolvimento dos EUA na Guerra do Vietnã em meados dos anos 1960, McCain começou a aspirar a posições de comando e decidiu que um histórico confiável de combate seria a melhor forma de consegui-lo.

Ao servir no *USS Forrestal* no Golfo de Tonkin na costa norte-vietnamita em 1967, McCain quase não escapou com vida quando um incêndio terrível

varreu o convés de voo e engoliu o jato de ataque A-4 no qual aguardava o lançamento. Pouco depois, McCain transferiu-se voluntariamente do navio avariado para outro esquadrão a bordo do porta-aviões *USS Oriskany*.

A vida de McCain mudaria para sempre em 26 de outubro de 1967. Ao participar de um bombardeio contra uma usina elétrica em Hanói, um míssil terra-ar arrancou a asa direita de seu A-4. Lançado para fora do avião danificado, McCain caiu de pára-quadras dentro de um lago no centro da cidade, quebrando os



Biblioteca do Congresso/AP Images

O piloto da Marinha John McCain (na frente à direita) posa com seu esquadrão

## INGRESSO NA POLÍTICA

Após a assinatura do acordo de paz entre os Estados Unidos e o Vietnã do Norte em janeiro de 1973, que incluiu a libertação de todos os prisioneiros de guerra, McCain recuperou a liberdade em 15 de março daquele ano. Apesar da gravidade dos ferimentos sofridos durante a guerra — McCain pode ser visto em imagens de noticiários mancando ao desembarcar do avião que o transportou para a liberdade —, ele trabalhou tão intensamente para a reabilitação física que recuperou sua condição de piloto da Marinha.

De 1973 a 1974 frequentou a Escola Nacional de Guerra em Washington, onde escreveu uma tese que analisa a resistência dos prisioneiros de guerra em cativeiro, mas foi a atividade subsequente que acabaria dando novo rumo à vida de

dois braços e um joelho. Capturado imediatamente, teve início cinco anos e meio de encarceramento, marcados por maus tratos e torturas brutais, em uma série de campos de prisioneiros de guerra norte-vietnamitas.

Assim como outros prisioneiros de guerra americanos, McCain foi alvo freqüente de espancamentos e interrogatórios cruéis por seus algozes para arrancar informações militares ou declarações para serem usadas como propaganda antiamericana. Após recusar uma oferta de libertação antecipada, McCain foi espancado durante vários dias com tamanha brutalidade que acabou assinando uma confissão forçada, o que lhe causou desespero e vergonha angustiantes. No entanto, ergueu-se desse fundo do poço pessoal para conquistar a reputação de “bravo resistente”, maior honraria conferida por seus companheiros prisioneiros de guerra aos mais bravos dentre eles.

McCain atribuiu sua resistência ao cativeiro, incluindo dois anos de confinamento em solitária, à fé — “fé em Deus, fé no país e fé em seus companheiros prisioneiros”. Ao falar sobre a resistência e a bravura de seus companheiros prisioneiros de guerra, McCain disse: “Eles eram uma luz para mim, uma luz de coragem e fé que iluminava o caminho para casa com honra, e eu lutava contra o pânico e o desespero para ficar sob essa luz.”

McCain. Em 1977, McCain começou a trabalhar como oficial de ligação da Marinha no Senado dos EUA. Nessa função, o jornal *New York Times* observou: “Ele gostou do embate das batalhas legislativas (e)... construiu amizades pessoais e colaborações profissionais em todas as divisões ideológicas, marca registrada de sua futura carreira no Senado.”



Susan Walsh/AP Images

O senador John McCain faz uma pergunta durante audiência na Comissão de Serviços Armados do Senado, em setembro de 2007



© AP Images

O oficial da Marinha John McCain sai mancando do avião depois de libertado de cativo no Vietnã em 1973

Ao se aposentar da Marinha em 1981, após abrir mão da oferta de promoção a almirante, McCain mudou-se para o Arizona, estado natal de sua segunda esposa, Cindy, com quem se casou em 1980. Em 1982, concorreu pela primeira vez a cargo político e conquistou uma cadeira na Câmara dos Deputados pelo Primeiro Distrito Congressional do Arizona com 66% dos votos. Reeleito para a Câmara em 1984, em 1986 McCain concorreu ao Senado, conquistando a cadeira deixada vaga pelo titular que se aposentava Barry Goldwater (ele também candidato a presidente indicado pelo Partido Republicano em 1964).

Nos primeiros anos de sua carreira no Senado, McCain concentrou-se nas questões que estavam próximas de sua experiência pessoal, como defesa nacional, apoio aos veteranos do serviço militar e normalização das relações com o Vietnã, trabalhando neste último tema com o senador democrata John Kerry, companheiro e herói da Guerra do Vietnã. Anos mais tarde, quando Kerry foi indicado candidato a presidente pelo Partido Democrata e sofreu ataques políticos por ter supostamente denegrido o serviço militar, McCain

levantou-se em defesa do histórico de guerra de seu companheiro veterano.

Superar as divisões políticas não é incomum para McCain. Ele tentou obter consenso com seus colegas democratas no Senado na solução de problemas complexos e controversos — algumas vezes com sucesso, como no caso da normalização das relações com o Vietnã, e outras sem êxito, como na tentativa em conjunto com o senador Edward Kennedy de resolver a questão altamente tensa da imigração ilegal.

Agora, em seu quarto mandato como senador, McCain acumulou um histórico de votação no Congresso afinado com as opiniões republicanas dominantes — forte defesa nacional, diminuição da carga tributária, oposição aos juízes ativistas e posição pró-vida na questão do aborto. No entanto, também desempenhou papel independente como defensor da reforma do sistema de financiamento de campanhas e forte adversário do desperdício dos gastos governamentais com a prática do “pork barrel” (uso de recursos federais para projetos ineficientes de congressistas em troca de favores políticos), bem como da prática de vinculação de recursos orçamentários, ou seja, destinação de verbas para projetos do agrado dos legisladores.

## CORRIDA À PRESIDÊNCIA

A primeira incursão de McCain na política presidencial foi em 2000, quando concorreu pela indicação a presidente pelo Partido Republicano. Muitos eleitores viram em sua franqueza, seu humor autodepreciativo e estilo direto qualidades atraentes que lhe renderam não apenas a atenção nacional, mas também apoio que transcendia as linhas partidárias tradicionais; seu ônibus de campanha foi denominado “O Expresso da Conversa Franca”. McCain seguiu em frente para marcar uma impressionante vitória desconcertante contra o suposto favorito George W. Bush nas sempre importantes primeiras primárias da nação em New Hampshire. Contudo, a partir daí sua campanha teve resultados contraditórios, à medida que não conseguiu atrair votos suficientes de eleitores republicanos em outros estados. Após derrotas em estados importantes como Califórnia e Nova York, McCain suspendeu sua campanha e acabou declarando apoio a Bush, que devolveu a Casa Branca aos republicanos naquele novembro com sua eleição para presidente.

Nos anos seguintes, o perfil de McCain na política nacional continuou em alta. O Congresso finalmente



Stephan Savoia/AP Images

Depois de reunião com eleitores de New Hampshire durante a disputa presidencial de 2000, John e Cindy McCain debaixo de chuva de confetes

promulgou, em 2002, a legislação sobre a reforma do financiamento de campanhas, um marco de co-autoria de McCain e do senador democrata Russ Feingold. Favorável a uma forte política de defesa nacional, McCain apoiou a decisão de invadir o Iraque em 2003, embora mais tarde tenha se tornado crítico contumaz da forma como a guerra foi conduzida em seus estágios iniciais.

Reeleito para o Senado para o quarto mandato em 2004 por uma margem de 77% a 21%, McCain inicialmente era visto como um dos mais fortes concorrentes, se não o favorito, para a indicação presidencial do Partido Republicano de 2008. Porém, como uma ampla gama de candidatos republicanos entrou na corrida e começou a se organizar em 2007 para a maratona de primárias e caucuses do ano seguinte, a campanha de McCain começou a implodir, com abalos na equipe, graves problemas financeiros e quedas nas pesquisas.

A tenacidade de McCain — mesma qualidade que o fez suportar os anos de prisioneiro de guerra — provou mais uma vez ser o fator indispensável para ajudá-lo a passar por esse período difícil. “Tenho uma estratégia muito complicada para você”, disse-lhe um de seus assessores. “Mantenha-se na corrida até ser o último

homem em pé.”

Foi exatamente o que fez McCain. Deixando de concorrer na primeira disputa no país, no caucus de Iowa, ele apostou e concentrou seus esforços na primária de 8 de janeiro em New Hampshire, estado de seu grande sucesso em 2000. Ao passar vários meses nesse estado e realizar 101 reuniões municipais com eleitores sabidamente independentes, foi recompensado com importante vitória sobre seus principais rivais republicanos. Embora em outros estados de eleições antecipadas as vitórias tenham sido divididas entre McCain, o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney e o ex-governador de Arkansas Mike Huckabee, McCain solidificou sua posição de favorito em 5 de fevereiro nas eleições primárias da “Superterça” — realizadas simultaneamente em mais de 20 estados. Ele venceu em estados populosos como Califórnia, Illinois e Nova York, acumulando uma liderança em número de delegados que nenhum de seus rivais poderia alcançar. Em 4 de março de 2008, as vitórias em Ohio e no Texas permitiram a McCain ultrapassar o limite mínimo necessário de 1.191 delegados para garantir a indicação presidencial pelo Partido Republicano.



Emilio Morenatti/AP Images

Em viagem de delegação parlamentar ao Afeganistão em 2005, John McCain conversa com jornalistas após reunir-se com o presidente afegão Hamid Karzai. A senadora Hillary Clinton em pé, à esquerda

## UMA PRESIDÊNCIA DE MCCAIN

O problema da idade de McCain surgiu durante a campanha; se eleito, McCain fará o juramento de posse aos 72 anos, o mais velho de todos os presidentes em primeiro mandato. Ele tentou neutralizar as preocupações com sua idade e preparo físico para o cargo com uma ativa agenda de campanha e sua marca registrada de fazer piadas sobre si mesmo — brincando ser “tão velho quanto a terra” e ter “mais cicatrizes que Frankenstein”. McCain talvez passe uma mensagem sutil de que sua saúde e nível de energia estão à altura das exigências da Presidência ao levar de vez em quando sua mãe Roberta, de 96 anos de idade e cheia de vigor, aos comícios.

A plataforma eleitoral de McCain reflete seu apoio a muitas das políticas republicanas tradicionais, mas também a disposição de traçar novo rumo no

que ele acredita ser necessário. Um dos primeiros francos defensores do aumento das tropas americanas em 2007 no Iraque, ele é a favor da manutenção da presença militar dos Estados Unidos naquele país e no Afeganistão — até que essas nações atinjam a estabilidade —, bem como da continuação de uma luta agressiva contra o terrorismo internacional, todos eles princípios da atual política americana. Seu plano para energia defende maior uso de energia nuclear e mais perfurações de poços de petróleo em alto-mar, ao passo que sua política econômica preconiza tornar permanentes os grandes cortes fiscais instituídos durante a Presidência de Bush.

Em outras questões, contudo, McCain prometeu uma estratégia diferente do atual governo. Enfatizou, por exemplo, uma abordagem mais colaborativa com os aliados dos EUA em questões de política externa. Comprometeu-se também com uma resposta mais ativista ao aquecimento global e às mudanças climáticas, incluindo um corte de 60% nas emissões de gases de efeito estufa do país até 2050.

Seja qual for o resultado das eleições de 2008, John McCain certamente continuará a servir ao país ao qual dedicou toda uma vida. A razão disso encontra-se em uma passagem simples, porém eloqüente, de sua autobiografia, na qual reflete sobre uma lição aprendida durante o cativeiro no Vietnã do Norte.

“Só depois de perder os Estados Unidos por certo tempo”, escreveu, “foi que percebi o quanto amo este país” ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Visão de John McCain para o Futuro

*Trechos de “Política Externa Americana: De Onde Partir”, discurso proferido no Conselho de Assuntos Mundiais de Los Angeles, em 26 de março de 2008.*

Liderança hoje significa algo diferente do que significava nos anos pós-Segunda Guerra Mundial, quando a Europa e outras democracias ainda se recuperavam da devastação da guerra e os Estados Unidos eram a única superpotência democrática. Hoje não estamos sozinhos. Há a poderosa voz coletiva da União Européia e há as grandes nações da Índia e do Japão, da Austrália e do Brasil, da Coréia do Sul e da África do Sul, da Turquia e de Israel, para citar apenas algumas das principais democracias. Também há a China e a Rússia, nações cada vez mais poderosas que exercem grande influência no sistema internacional.

Em um mundo como esse, em que o poder de todos os tipos está mais ampla e uniformemente distribuído, os Estados Unidos não podem liderar somente com base em seu poder. Precisamos ser fortes política, econômica e militarmente. Mas também precisamos liderar atraindo outros para a nossa causa, demonstrando mais uma vez as virtudes da liberdade e da democracia, defendendo as regras da sociedade internacional civilizada e criando novas instituições internacionais necessárias para fazer avançar a paz e as liberdades que cultivamos. Talvez, acima de tudo, liderança no mundo de hoje signifique aceitar e cumprir nossas responsabilidades como uma grande nação.

\*\*\*\*\*

No âmago desse novo pacto deve estar a confiança e o respeito mútuos. Lembrem-se das palavras dos fundadores da nossa nação na Declaração de Independência, de que devemos “o devido respeito às opiniões da humanidade”. Nosso grande poder não significa que podemos fazer o que queiramos quando queiramos, nem devemos supor que temos toda a sabedoria e o conhecimento necessários para nos sairmos vitoriosos. Precisamos ouvir as opiniões e respeitar a vontade coletiva de nossos aliados democráticos. Quando acreditarmos que a ação internacional é necessária, seja militar, seja econômica ou seja diplomática, tentaremos persuadir nossos amigos de que estamos certos. Mas nós, por nossa vez, precisamos estar dispostos a ser persuadidos por eles.

Os Estados Unidos devem ser um modelo de cidadania se quisermos que outros olhem para nós como modelo. Como agimos dentro de casa reflete no modo como somos percebidos no exterior. Precisamos combater os terroristas e ao mesmo tempo defender os direitos que são a base de nossa sociedade.

\*\*\*\*\*

Existe algo chamado boa cidadania internacional. Precisamos ser bons administradores do nosso planeta e nos juntarmos a outras nações para ajudar a preservar nossa casa comum. Os riscos do aquecimento global não têm fronteiras. Nós e as outras nações do mundo precisamos nos dedicar com seriedade a reduzir substancialmente as emissões de gases de efeito estufa nos próximos anos ou entregaremos um mundo bastante diminuído a nossos netos.

\*\*\*\*\*

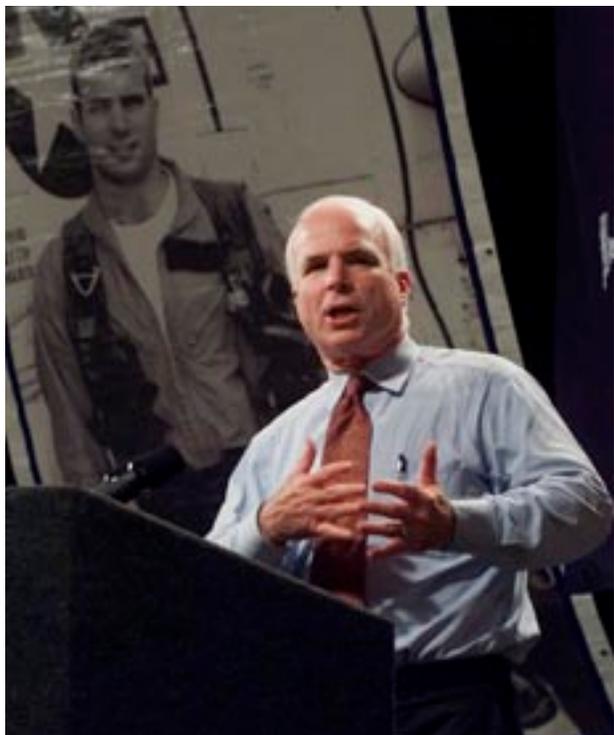
Os Estados Unidos não venceram sozinhos a Guerra Fria; foi a aliança transatlântica, em conjunto com parceiros de todo o mundo. Os laços que compartilhamos com a Europa em termos de história, valores e interesses são únicos. Os americanos devem saudar o surgimento de uma União Européia forte e confiante, assim como continuamos a apoiar uma Otan forte. O futuro das relações transatlânticas está em enfrentar os desafios do século 21 no mundo: desenvolvendo uma política energética comum, criando um mercado transatlântico comum que una ainda mais nossas economias, enfrentando os perigos colocados por uma Rússia revanchista e institucionalizando nossa cooperação em questões como mudança climática, assistência externa e promoção da democracia.

\*\*\*\*\*

Se conseguirmos nos unir para formar uma coalizão global voltada para a paz e a liberdade — se liderarmos assumindo nossas responsabilidades internacionais e indicando o caminho para um futuro melhor e mais seguro para a humanidade, acredito que receberemos os benefícios tangíveis como nação. ■

Fonte: [http://www.lawac.org/speech/indexes/2007-08\\_index.htm](http://www.lawac.org/speech/indexes/2007-08_index.htm)

# McCain por Ele Mesmo



Durante a campanha das primárias presidenciais em 2000, McCain discursa na Carolina do Sul na frente de uma foto dos seus dias como piloto de caça

*Em seu discurso de aceitação na Convenção Nacional Republicana em 4 de setembro de 2008, John McCain descreve os sentimentos que desenvolveu pelos Estados Unidos enquanto foi mantido prisioneiro de guerra por mais de cinco anos pelos norte-vietnamitas.*

**T**enho sido um servidor imperfeito para o meu país há muitos anos. Mas tenho sido seu servidor acima de tudo e sempre. E nunca vivi um dia, nos bons ou maus momentos, que não agradecesse a Deus por esse privilégio.

Há muito tempo, algo inusitado aconteceu comigo que me ensinou a mais valiosa lição da minha vida. Fui abençoado pelo infortúnio. Falo isso sinceramente. Fui abençoado porque servi na companhia de heróis e testemunhei milhares atos de coragem, solidariedade e amor.

Em uma manhã de outubro, no Golfo de Tonkin, preparei-me para minha 23<sup>a</sup> missão no Vietnã do Norte. Não me preocupava se iria voltar são e salvo. Achava que era mais forte do que qualquer um. Eu era bastante independente naquela época, também. Gostava de quebrar algumas regras e entrar em algumas brigas por diversão. Mas eu o fazia para minha própria satisfação, meu próprio orgulho. Não achava que havia uma causa mais importante do que eu.

Então me vi caindo no meio de um pequeno lago na cidade de Hanói, com dois braços e uma perna quebrados e uma multidão furiosa me aguardando. Fui jogado em uma cela escura e deixado lá para morrer. Não me sentia mais tão durão. Quando descobriram que meu pai era almirante, levaram-me a um hospital. Eles não conseguiram colocar meus ossos no lugar de maneira adequada, então simplesmente me engessaram. Como não melhorei e estava reduzido a cerca de 50 quilos, puseram-me em uma cela com dois outros americanos. Eu não conseguia fazer nada. Não conseguia nem me alimentar. Eles faziam isso para mim. Eu estava começando a aprender os limites da minha independência egoísta. Aqueles homens salvaram a minha vida.

Eu estava confinado em uma solitária quando meus captores ofereceram-me a liberdade. Eu sabia o porquê. Se eu fosse para casa, eles usariam isso como propaganda para desmoralizar meus companheiros de prisão. Nosso Código dizia que poderíamos ir para casa somente na ordem de nossa captura, e havia homens que tinham sido capturados antes de mim. Pensei na oferta, entretanto. Eu não estava em boa forma e sentia saudade de tudo que remetesse aos Estados Unidos. Mas recusei a oferta.

Vários prisioneiros estavam em situação pior do que a minha. Eu havia sido maltratado antes, mas não tanto quanto os outros. Gostava de andar com altivez logo após ter sido espancado para mostrar aos outros companheiros que era durão o suficiente para agüentar aquilo. Mas após recusar a oferta, passaram a me bater mais do que antes. Por muito tempo. E me arrebetaram.

Quando me levaram de volta à minha cela, eu estava ferido e envergonhado e não sabia como poderia encarar meus companheiros de prisão. O homem bom da cela ao lado, meu amigo Bob Craner, salvou-me. Por meio de batidas na parede ele me disse que eu havia resistido o máximo que podia. Nem sempre é possível resistir sozinho. E então ele me disse para ficar novamente de pé e voltar a lutar pelo nosso país e pelos homens com os quais tive a honra de servir. Porque todos os dias eles lutavam por mim.

Apaixonei-me pelo meu país quando fui prisioneiro no país de outras pessoas. Eu amava meu país não somente pelos muitos confortos da vida aqui. Amava-o pela sua decência; pela sua fé na sabedoria, na justiça e na bondade de seu povo. Amava-o porque não era somente um lugar, mas uma idéia, uma causa pela qual valia a pena lutar. Nunca mais fui o mesmo. Eu não me pertencia mais. Pertencia ao meu país. ■

Fonte: <http://www.johnmccain.com/Informing/News/Speeches/ef046a10-706a-4dd5-bd01-b93b36b054bc.htm>

# John McCain no site Facebook



## John McCain

**País:**

Estados Unidos

**Atualmente candidato a**

**Cargo:**

Presidente

**Partido:**

Partido Republicano

**Cargo atual**

**Local:**

Senado

**Estado:**

Arizona

**Partido:**

Partido Republicano

**Informações detalhadas**

**Sexo:**

Masculino

**Nascimento:**

29 de agosto de 1936

**Posição política:**

Conservador

**Convicções religiosas:**

Igreja Batista do Norte de Phoenix

**Interesses:**

Esportes, caminhadas, pesca, boxe, basquete, futebol, beisebol, história

Filmes favoritos: Viva Zapata, Cartas de Iwo Jima, Quanto Mais Quente Melhor!  
Livros favoritos: Por Quem os Sinos Dobram  
Programas favoritos na TV: 24, Seinfeld

### **Informações profissionais**

Empregador: Candidato a presidente  
Função: Candidato pelo Partido Republicano  
Período: Abril de 2007 até hoje

Empregador: Marinha dos Estados Unidos  
Função: Capitão, comandante de esquadrão, piloto  
Período: 1958 - 1981  
Descrição: Honras militares incluem as medalhas Estrela de Prata, Estrela de Bronze, Legião do Mérito, Coração Roxo (Purple Heart) e Cruz Voadora por Serviços Relevantes.

Empregador: Congresso dos Estados Unidos  
Função: Senador  
Período: De 1986 até hoje  
Descrição: Eleito para o Senado dos Estados Unidos para substituir o importante senador pelo Arizona Barry Goldwater. O senador McCain é atualmente o senador sênior pelo Arizona.

Empregador: Congresso dos Estados Unidos  
Função: Deputado  
Período: 1982 - 1986  
Descrição: Eleito para o Congresso para representar o que era na época o primeiro distrito congressional do Arizona.

### **Escolaridade**

Faculdades: Academia Naval dos Estados Unidos em 1958  
Escola Nacional de Guerra em 1973

### **Contatos**

E-mail: info@johnmccain.com  
Fone: 703-418-2008  
Endereço: Caixa Postal 16118  
Alexandria, Virgínia 22215

Fonte: <http://www.facebook.com/johnmccain> acessado em 22 de agosto de 2008.

# Barack Obama no site Facebook



**Barack Obama**

**País:**

**Estados Unidos**

**Atualmente candidato a**

**Cargo:**

**Presidente**

**Partido:**

**Partido Democrata**

**Cargo atual**

**Local:**

**Senado**

**Estado:**

**Illinois**

**Partido:**

**Partido Democrata**

**Informações detalhadas**

**Sexo:**

**Masculino**

**Estado civil:**

**Casado com Michelle Obama**

Nascimento: 4 de agosto de 1961  
Convicções religiosas: Cristão  
Interesses: Basquete, escrever, curtir os filhos  
Músicas favoritas: Miles Davis, John Coltrane, Bob Dylan, Stevie Wonder, Johann Sebastian Bach (suítes para violoncelo) e The Fugees  
Filmes favoritos: Casablanca, O Poderoso Chefão I e II, Lawrence da Arábia e Um Estranho no Ninho  
Livros favoritos: Song of Solomon [Canção de Salomão] (Toni Morrison), Moby Dick, As Tragédias de Shakespeare, Parting the Waters [Separando as Águas], Gilead (Robinson), Self-Reliance [Autoconfiança] (Emerson), a Bíblia, Coletânea dos Escritos de Lincoln  
Programas favoritos na TV: Sportscenter  
Citações favoritas: “O arco do universo moral é longo, mas se inclina em direção à justiça.” (Martin Luther King)

### **Informações profissionais**

Empregador: Senado dos Estados Unidos  
Função: Senador  
Período: Janeiro de 2005 até hoje

### **Escolaridade**

Escola de pós-graduação: Direito em Harvard em 91  
Faculdades: Colúmbia em 83  
Ciência Política com especialização em Relações Internacionais Occidental em 83

### **Contatos**

Fone: 8666752008

Source: <http://www.facebook.com/barackobama> em 22 de agosto de 2008.

# Barack Obama: Abrindo Novos Caminhos

Domenick DiPasquale



Barack Obama em noite de comício de eleição primária em St. Paul, Minnesota, em junho de 2008

*O candidato democrata à Presidência traz juventude, eloquência e uma história pessoal fascinante para a campanha de 2008. Obama conquistou a indicação de seu partido defendendo a mudança na política americana, tanto externa quanto interna.*

*Redator freelancer Domenick DiPasquale foi funcionário americano do Serviço de Relações Exteriores em Gana, Quênia, Brasil, Bósnia, Cingapura e Eslovênia.*

**A** biografia excepcional de Barack Obama e sua campanha vitoriosa à indicação de candidato democrata à Presidência em 2008 iniciaram um novo capítulo na política americana.

Obama, o primeiro candidato à Presidência afro-americano a obter a indicação de um grande partido político nos EUA, tem uma história de vida diferente de qualquer outro candidato anterior. Filho de pai queniano e mãe branca da região central dos EUA, Obama ganhou proeminência nacional com seu discurso bem-recebido na Convenção Nacional Democrata em 2004, o mesmo ano em que foi eleito para o Senado americano pelo estado de Illinois. Depois disso, em apenas quatro anos alcançou o mesmo patamar de pesos pesados democratas para arrebatá-la a indicação de seu partido à Casa Branca.

Com jeito refinado de falar, domínio de uma retórica eloqüente e elevada, capacidade de inspirar o entusiasmo de jovens eleitores e o uso sofisticado da internet como ferramenta de campanha, Obama é de fato um candidato do século 21. Apesar disso, demonstrou ter as habilidades atemporais comuns a todas as campanhas, inclusive a capacidade de enfrentar com eficácia a ultrapassada guerra política à medida que avançava na longa e às vezes divergente temporada de cinco meses de primárias para derrotar sua principal adversária, a senadora Hillary Rodham Clinton.

Em sua campanha, Obama enfatizou dois grandes temas: mudar o modo tradicional de Washington conduzir os negócios da nação e convocar os americanos de diferentes *backgrounds* ideológicos, sociais e raciais a se unir para o bem comum.

“Não há Estados Unidos de liberais nem Estados Unidos de conservadores — há os Estados Unidos da América”, disse Obama em seu discurso na Convenção Nacional Democrata de 2004. “Não há Estados Unidos de negros nem Estados Unidos de brancos, nem Estados Unidos de latinos, nem Estados Unidos de asiáticos; há os Estados Unidos da América. ... Somos um único povo, todos nós prometendo lealdade à bandeira americana, todos nós defendendo os Estados Unidos da América.”

Chris Carlson/AP Images

## OS PRIMEIROS ANOS

Os pais de Obama eram de origens muito diferentes. Sua mãe, Ann Dunham, nasceu e foi criada em uma pequena cidade do Kansas. Depois que sua família se mudou para as Ilhas Havaianas, ela conheceu Barack Obama Sr., bolsista queniano matriculado na Universidade do Havaí. Eles se casaram em 1959, e em 4 de agosto de 1961 Barack Obama Jr. nasceu em Honolulu. Dois anos depois, Obama pai deixou sua nova família, primeiro para fazer pós-graduação em Harvard e depois por um emprego como economista do governo de volta ao Quênia. O jovem Obama encontrou-se com seu pai novamente apenas uma vez, aos 10 anos.

Quando Obama tinha 6 anos, sua mãe se casou de novo, desta vez com um executivo indonésio do petróleo. A família mudou-se para a Indonésia, e durante quatro anos Obama freqüentou a escola na capital Jacarta. Ele acabou retornando ao Havaí, onde morou com seus avós maternos e cursou o ensino médio.

Em seu primeiro livro, *A Origem dos Meus Sonhos (Dreams From My Father)*, Obama descreve esse período de sua vida como sendo mais turbulento do que o usual na vida dos adolescentes, pois ele se debatia para entender



Ann Dunham Obama segura o filho Barack Obama em foto sem data da década de 1960

O senador estadual Barack Obama no Capitólio de Springfield, Illinois



sua herança birracial em uma época em que isso ainda era relativamente pouco comum nos Estados Unidos. Ter raízes tanto na cultura negra quanto na cultura branca pode ter ajudado a dar a Obama a visão ampla que ele levou para a política anos depois, entendendo os dois pontos de vista.

“Barack tem uma capacidade incrível de sintetizar realidades aparentemente contraditórias e as tornar coerentes”, disse sua colega da faculdade de Direito Cassandra Butts à redatora da revista *New Yorker* Larissa MacFarquhar. “Isso é resultado de ser criado por uma família branca e depois sair para o mundo e ser visto como negro.”

Obama deixou o Havaí mais uma vez para cursar a Faculdade Occidental em Los Angeles por dois anos. Mais tarde mudou-se para a cidade de Nova York e obteve o bacharelado em Humanidades pela Universidade de Colúmbia em 1983. Em discurso como patrono de formatura, Obama descreveu seu pensamento à época: “... quando me formei na faculdade, estava tomado por uma idéia maluca — iria trabalhar com as comunidades de base para conseguir mudar as coisas.”

## CONVOCADO PARA O SERVIÇO PÚBLICO

Em busca de sua identidade e de rumo na vida, Obama em seguida deixou seu trabalho como redator de finanças em uma consultoria internacional em Nova York e mudou-se para Chicago em 1985. Lá, trabalhou como organizador comunitário para uma coalizão de igrejas locais no lado sul da cidade, área afro-americana pobre e duramente afetada pela transição de centro de manufatura para economia de serviços.

“Foi nesses bairros que recebi a melhor educação que já tive e aprendi o verdadeiro significado de minha fé cristã”, contou Obama anos depois no discurso em que anunciou sua candidatura presidencial.

Obama teve alguns sucessos tangíveis em seu trabalho, dando aos moradores do lado sul voz em questões como redesenvolvimento econômico, capacitação profissional e esforços de limpeza ambiental. No entanto, considerava que sua função principal era a de organizador comunitário, de um catalisador que mobiliza cidadãos comuns em um esforço a partir das bases para forjar estratégias locais com vistas à autonomia política e econômica.

Depois de três anos desse trabalho, Obama concluiu que, para conseguir melhorias reais nessas comunidades tão carentes, era necessário o envolvimento em esferas mais altas, no âmbito jurídico e político. Assim, ele cursou a Escola de Direito de Harvard, onde se destacou ao ser eleito o primeiro presidente negro da prestigiada publicação *Harvard Law Review* e ao obter o título de doutor em Direito com distinção e louvor, em 1991.

Com essas credenciais, “Obama conseguiria fazer tudo o que quisesse”, observou David Axelrod, hoje estrategista de sua campanha à Presidência. Obama retornou à sua cidade adotada de Chicago, onde exerceu a profissão na área de direitos civis e lecionou Direito Constitucional na Universidade de Chicago. Em 1992 casou-se com Michelle Robinson, também formada em Direito pela Harvard, e trabalhou para o registro dos eleitores em Chicago com o intuito de ajudar candidatos democratas como Bill Clinton.

Cada vez mais compromissado com o serviço público, Obama decidiu concorrer pela primeira vez a um cargo eletivo em 1996, ganhando uma cadeira por Chicago no Senado estadual de Illinois. De muitas maneiras, a disputa foi um desdobramento lógico de seu trabalho anterior como organizador comunitário, e Obama levou muito daquela mesma perspectiva ampla — o político como facilitador de esforços de base voltados para o cidadão e construtor de amplas coalizões — para a sua visão de política.

“Qualquer afro-americano que apenas fale do racismo como uma barreira ao nosso sucesso está seriamente equivocado se também não combater de frente as forças econômicas maiores que criam insegurança econômica para todos os trabalhadores — brancos, latinos e asiáticos”, disse na época. Entre suas realizações na esfera legislativa nos oito anos que se seguiram no Senado estadual, estiveram a reforma do financiamento de campanhas, reduções fiscais para a classe trabalhadora pobre e melhorias no sistema de Justiça Criminal do estado.

### **PALCO NACIONAL**

Em 2000, Obama concorreu pela primeira vez ao Congresso dos EUA e não conseguiu vencer Bobby Rush, democrata

○ senador Obama em seu escritório no Edifício Hart do Senado, no Capitólio em 2006

que concorria à reeleição por Chicago para a Câmara dos Deputados. Desanimado pela derrota esmagadora para Rush nas primárias e buscando obter influência além do Legislativo estadual de Illinois, convenceu Michelle da idéia de concorrer ao Senado dos EUA em uma estratégia arriscada de “tudo ou nada” para fazer avançar sua carreira política.

Em 2004, a disputa pelo Senado em Illinois havia se transformado em um vale-tudo, quando no ano anterior o republicano Peter Fitzgerald, que ocupava a vaga, anunciou que não concorreria à reeleição. Sete democratas e oito republicanos participaram das primárias de seus respectivos partidos para obter a indicação ao Senado. Obama conseguiu a indicação democrata com facilidade, obtendo mais votos — 53% — do que a soma de seus seis adversários.

Com os republicanos então detendo uma leve maioria das 100 vagas do Senado (51 cadeiras), os democratas viram a disputa pelo Senado em Illinois como crucial para suas chances de retomar o Senado em novembro daquele ano (na verdade, só conseguiram obter o controle novamente em 2006). O desejo de dar impulso à campanha de Obama com uma atuação de destaque na convenção, suas conhecidas habilidades de oratória e a impressão altamente favorável causada no candidato à Presidência John Kerry selaram a decisão de escolher Obama como o principal orador da convenção.



Manuel Balce Ceneta/AP Images

O discurso de Obama, com sua linguagem requintada e refinada sobre a necessidade de transcender as divisões partidárias e seu chamado para uma “política de esperança” em vez de uma política de cinismo, fez mais do que animar os participantes da convenção: catapultou Obama na mídia nacional como uma estrela em ascensão do Partido Democrata. Ele seguiu em frente e ganhou com folga a disputa pelo Senado naquele outono, obtendo vitória esmagadora com 70% do voto popular. Embora a desordem quase total entre os republicanos em Illinois naquele ano tenha sem dúvida contribuído para essa grande diferença, a vitória de Obama foi impressionante, pois ele ganhou em 93 dos 102 condados do estado e atraiu eleitores brancos em uma margem superior a dois para um.



Barack Obama fazendo campanha em Atlanta, Geórgia, em 2007

A reputação de Obama como um novo tipo de político, alguém capaz de superar divisões raciais tradicionais, não parou de crescer. Em um perfil dele para a revista *New Yorker*, o escritor William Finnegan, comentando seu talento para “sutilmente usar a mesma linguagem de seu interlocutor”, disse que ele “fala a gama completa de vernáculos americanos”. Obama deu sua própria explicação de por que consegue se conectar com os eleitores brancos.

“Conheço essas pessoas”, disse. “São meus avós. (...) Seus modos, suas sensibilidades, seu sentido de certo e errado — tudo isso é totalmente familiar para mim.”

No Senado, Obama acumulou um histórico de votação afinada com a ala liberal do Partido Democrata. A crítica à guerra do Iraque tem sido uma de suas marcas registradas, remontando a um discurso de 2002, mesmo antes de a guerra começar, quando ele advertia que qualquer ação militar seria baseada “não em princípios, mas em política”. Ele também trabalhou para fortalecer padrões éticos no Congresso, melhorar o atendimento para veteranos do serviço militar e aumentar o uso de combustíveis renováveis.

## CORRIDA À PRESIDÊNCIA

A longa campanha democrata das eleições primárias de 2008, com eleições ou caucuses (prévias) em todos os 50 estados, foi histórica por diversas razões. Afro-americanos e mulheres já haviam concorrido à Presidência anteriormente, mas desta vez os dois principais candidatos eram uma mulher e um afro-americano. Quando Obama e sete outros candidatos à indicação presidencial democrata começaram a se organizar em 2007, as pesquisas de opinião geralmente o colocavam em segundo lugar, atrás da suposta favorita senadora por Nova York Hillary Clinton. Obama, no entanto, foi extremamente bem-sucedido na primeira fase da disputa ao envolver um grupo entusiasmado de simpatizantes, em especial entre os jovens, estabelecendo uma organização de campanha com base nacional e arrecadação de fundos pela internet.

Com Hillary Clinton desfrutando de maior popularidade, uma máquina de campanha mais azeitada e apoio estadual de líderes democratas, a equipe de Obama concebeu uma estratégia inovadora para anular essas vantagens: concentrar-se em estados com prévias em vez de primárias para a escolha dos delegados e

em estados menores que tradicionalmente votam nos republicanos na eleição geral. Essa abordagem capitalizou o sistema de representação proporcional do Partido Democrata — que atribui os delegados das convenções de cada estado proporcionalmente à participação de voto de cada candidato — em oposição ao sistema dos republicanos que atribui a maioria ou todos os delegados da convenção ao vencedor em cada estado.

A estratégia deu certo nas primeiras prévias nacionais, realizadas em Iowa em 3 de janeiro de 2008, quando Obama faturou uma vitória indigesta para Hillary Clinton. A vitória de Iowa mudou as regras do jogo, como opinou o *Washington Post*: “Derrotar Hillary Clinton... alterou o curso da disputa ao estabelecer Obama como seu principal rival — o único candidato com mensagem, estofo organizacional e recursos financeiros para desafiar sua situação de favorita.”

Deu certo mais uma vez na “Superterça” — eleições realizadas simultaneamente em 22 estados em 5 de fevereiro —, quando Obama travou uma briga de foice com Hillary e levou os estados rurais do Oeste e do Sul. E deu certo novamente quando Obama seguiu em frente e ganhou dez disputas consecutivas em fevereiro,

solidificando a liderança em delegados que Hillary nunca mais conseguiria alcançar.

Por fim, em 3 de junho, exatamente cinco meses depois de a disputa ter começado, a corrida exaustiva chegou ao fim. A combinação de uma vitória em Montana e o apoio crescente de superdelegados não compromissados deu a Obama a maioria necessária de delegados para selar a indicação presidencial.

“Porque vocês optaram por não ouvir suas dúvidas e medos, mas suas maiores esperanças e aspirações”, disse Obama naquela noite a simpatizantes em um comício da vitória em St. Paul, em Minnesota, “esta noite marcamos o fim de uma jornada histórica com o começo de outra”.

### UMA PRESIDÊNCIA DE OBAMA

Se eleito, Obama será um dos presidentes mais jovens. Nascido no fim da geração *baby boom* de 1946-1964, ele também será o primeiro presidente que se tornou adulto na década de 1980, o que por si só pode indicar mudança. A atmosfera na qual ele cresceu foi significativamente diferente dos tumultuados anos 1960 que moldaram a perspectiva da geração dos primeiros



Rick Bowmer/AP Images

A família Obama acena para a multidão em comício em Iowa, em janeiro de 2008

anos do *baby boom*. Como disse certa vez Obama sobre as eleições presidenciais de 2000 e 2004, disputadas por candidatos de um grupo muito anterior àquela geração pós-guerra: “Algumas vezes me senti como se estivesse assistindo ao psicodrama da geração *baby boom* — um conto enraizado em velhos ressentimentos e enredos de vingança nascidos em alguns campi universitários há muito tempo — encenado no palco nacional.”

Os slogans de Obama, “Change We Can Believe In” (A mudança em que podemos acreditar) e “Change We Need” (A mudança de que precisamos), refletem a ênfase de sua campanha em levar os Estados Unidos para uma nova direção. Obama defende um cronograma fixo para a retirada das tropas americanas de combate do Iraque, embora diga que deixaria alguns soldados para missões de treinamento e antiterrorismo. Outras posições de política externa incluem o aumento da assistência aos setores militar e de desenvolvimento do Afeganistão, o fechamento da prisão da Baía de Guantánamo para detidos de terrorismo e o fortalecimento dos esforços de não-proliferação nuclear. Internamente, Obama quer investir US\$ 150 bilhões em dez anos para estimular o desenvolvimento da tecnologia de energia limpa, aumentar os investimentos em educação e infra-estrutura e tornar a economia americana mais competitiva globalmente, além de restaurar a disciplina fiscal para os gastos governamentais.

Larissa MacFarquhar, da *New Yorker*, tem uma teoria sobre o notável apelo de Obama em linhas políticas

tradicionais. “O histórico de votação de Obama é um dos mais liberais no Senado”, observou, “mas ele sempre atraiu os republicanos, talvez porque fale sobre metas liberais com uma linguagem conservadora”.

“Na sua visão de história, no seu respeito pela tradição, em seu ceticismo de que o mundo possa ser mudado de qualquer modo, mas muito, muito lentamente”, ela escreveu, “Obama é profundamente conservador”.

Vencendo ou perdendo em novembro, Obama abriu novos caminhos na política americana. Sua candidatura surgiu precisamente no momento em que muitos americanos acreditavam que o país precisava de uma transformação fundamental em seu rumo. A colunista política do *Washington Post* E.J. Dionne talvez tenha resumido de modo perfeito a causalidade entre a candidatura de Obama e o *zeitgeist* (espírito da época) americano quando escreveu:

Mudança, e não experiência, foi a ordem do dia. Ímpeto, e não o domínio dos detalhes, foi a virtude mais valorizada na oratória da campanha. Uma quebra clara com o passado, e não meramente um retorno a melhores dias, foi a promessa mais valorizada. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Visão de Barack Obama para o Futuro

*Trechos de “O Momento Americano”, discurso proferido no Conselho de Relações Exteriores de Chicago, 23 de abril de 2007.*

**A**credito que a tarefa mais importante de qualquer presidente é proteger o povo americano. E estou igualmente convencido de que realizar essa tarefa com eficácia no século 21 exigirá uma nova visão da liderança americana e um novo conceito da nossa segurança nacional — uma visão que recorre às lições do passado, mas não está presa a pensamentos ultrapassados.

No mundo globalizado de hoje, a segurança do povo americano está inevitavelmente ligada à segurança de todos os povos. Quando o narcotráfico e a corrupção ameaçam a democracia na América Latina, isso também é um problema dos Estados Unidos. Quando moradores de vilarejos pobres da Indonésia não têm escolha a não ser enviar para o mercado aves infectadas com a gripe aviária, isso não pode ser visto como um problema distante. Quando escolas religiosas no Paquistão ensinam o ódio a crianças pequenas, nossos filhos também estão ameaçados.

Seja o terrorismo global, sejam as doenças pandêmicas, seja a drástica mudança climática ou a proliferação de armas de destruição em massa, as ameaças que enfrentamos no início do século 21 não podem mais ser contidas por limites e fronteiras.

\* \* \* \* \*

Muitos americanos podem achar tentador ficarmos voltados para nós mesmos e abrirmos mão da nossa reivindicação de liderança nas questões mundiais.

Eu insisto, no entanto, que abandonar nossa liderança é um erro que não devemos cometer. Os Estados Unidos não podem enfrentar sozinhos os desafios do século, e o mundo não pode enfrentá-los sem os Estados Unidos. Não podemos nos retirar do mundo nem tentar forçá-lo à submissão — precisamos liderar o mundo, por ações e exemplos.

Precisamos liderar construindo uma força militar do século 21 para garantir a segurança do nosso povo e fazer

avançar a segurança de todos os povos. Precisamos liderar conduzindo um esforço global para deter a disseminação das armas mais perigosas do mundo. Precisamos liderar construindo e fortalecendo as parcerias e as alianças necessárias para enfrentar os desafios comuns e vencer as ameaças comuns.

E os Estados Unidos precisam liderar estendendo a mão para todos aqueles que vivem vidas desconectadas de desespero nos cantos esquecidos do mundo — porque se é verdade que sempre haverá aqueles que sucumbirão ao ódio e amarrarão bombas a seus corpos, sempre haverá também milhões de outros que querem seguir outro caminho — que querem nossa luz de esperança para iluminar seu caminho.

\* \* \* \* \*

Os Estados Unidos ajudaram a libertar um continente da marcha de um louco. Somos o país que disse ao bravo povo de uma cidade dividida que também éramos berlinenses. Enviamos gerações de jovens para servir como embaixadores da paz em países do mundo todo. E somos o país que se apressou a enviar ajuda às vítimas de um tsunami devastador na Ásia.

Agora é o nosso momento de liderar — a hora da nossa geração de contar outra grande história americana. Assim, um dia, poderemos contar a nossos filhos que este foi o momento que ajudamos a promover a paz no Oriente Médio. Que este foi o momento que enfrentamos a mudança climática e nos protegemos contra as armas que poderiam destruir a raça humana. Este foi o momento que levamos oportunidade aos cantos esquecidos do mundo. E este foi o momento em que renovamos os Estados Unidos que levaram gerações de viajantes cansados de todo o mundo a encontrar oportunidades, liberdade e esperança na nossa porta. ■

Fonte: [http://www.barackobama.com/2007/04/23/the\\_american\\_moment\\_remarks\\_to.php](http://www.barackobama.com/2007/04/23/the_american_moment_remarks_to.php)

# Obama por Ele Mesmo



Barack Obama discursa em comício em Idaho, em fevereiro de 2008

*Neste trecho de um de seus discursos, Barack Obama fala sobre um tempo de sua vida em que “comecei a perceber um mundo além de mim” e sobre seu desejo de ser um agente de mudança. Essas declarações foram feitas em seu discurso de patrono em formatura da Universidade de Wesley, Middletown, Connecticut, em 5 de maio de 2008.*

**T**ornei-me ativista no movimento contra o regime do apartheid na África do Sul. Comecei a acompanhar os debates neste país sobre pobreza e assistência médica. Desse modo, ao terminar a faculdade, estava tomado por uma idéia maluca — iria trabalhar com as comunidades de base para conseguir mudar as coisas. Escrevi cartas para todas as organizações do país que conhecia. E, um dia, um pequeno grupo de igrejas do lado sul de Chicago ofereceu-me um emprego para trabalhar como organizador comunitário nos bairros que haviam sido devastados pelo fechamento das siderúrgicas. Minha mãe e meus avós queriam que eu fosse para a faculdade de Direito. Meus amigos estavam se candidatando a empregos

em Wall Street. Enquanto isso, essa organização me oferecia US\$ 12 mil por ano e mais US\$ 2 mil por um carro velho em mau estado.

E eu aceitei.

Agora, eu não conhecia uma alma em Chicago e não estava certo sobre qual era o negócio dessa organização comunitária. Tinha sempre sido inspirado por histórias do Movimento pelos Direitos Cívicos e pelo chamado para trabalhar pelo país de JFK [presidente John F. Kennedy], mas quando fui para o lado sul não havia marchas e nem discursos inflamados. Nas sombras de uma siderúrgica vazia, havia apenas um monte de pessoas lutando. E não avançamos muito no início.

Ainda lembro de um dos primeiros encontros, bem no início, quando nos reunimos para discutir a violência das gangues

com um grupo de líderes comunitários. Esperamos por longo tempo que as pessoas aparecessem e, por fim, um grupo de pessoas mais velhas entrou na sala. E elas se sentaram. Uma senhorinha levantou a mão e perguntou: “O jogo de bingo é aqui?”

Não foi fácil, mas ao final das contas, avançamos. Dia a dia, quarteirão a quarteirão, reunimos a comunidade e registramos novos eleitores, criamos programas extracurriculares, lutamos por novos postos de trabalho e ajudamos as pessoas a viver com alguma dignidade.

Mas também comecei a perceber que não estava apenas ajudando outras pessoas. Ao prestar serviços descobri uma comunidade que me envolvia; a cidadania que me era cara; o rumo que procurava. Por meio do trabalho comunitário descobri como minha própria história improvável se encaixava na história mais ampla dos Estados Unidos. ■

Fonte: [http://www.barackobama.com/2008/05/25/remarks\\_of\\_senator\\_barack\\_obam\\_70.php](http://www.barackobama.com/2008/05/25/remarks_of_senator_barack_obam_70.php).

# Os Poderes da Presidência

Michael Jay Friedman



© AP Images

O presidente Franklin Roosevelt (centro), representando os interesses dos EUA, após reunião com os líderes mundiais Winston Churchill (à direita) e Joseph Stalin, no fim da Segunda Guerra Mundial

*A Constituição dos EUA delinea a autoridade do presidente, mas é suficientemente flexível para permitir que cada ocupante do cargo defina o escopo dos poderes presidenciais segundo sua própria filosofia de governo e as necessidades da época.*

*Michael Jay Friedman é editor do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. É doutor em História Política e Diplomática dos EUA.*

Os homens que ocuparam a Presidência dos Estados Unidos — até este momento foram todos homens — têm expressado visões divergentes sobre suas experiências. Grover Cleveland (1885-1889 e 1893-1897) comentou: “Após o longo exercício do poder, os assuntos comuns da vida parecem pequenos e triviais.” Theodore Roosevelt (1901-1909) gostava tanto do “palanque poderoso” que deixou a aposentadoria para concorrer novamente à Presidência. Mas para James K. Polk (1845-1849), a Presidência não era “nenhum mar de rosas”. E Ulysses S. Grant (1869-1877) declarou sem rodeios: “Nunca quis tanto deixar um lugar quanto quis deixar a Presidência.”

Quais são os poderes do presidente e como evoluíram ao longo do tempo? Gerações de crianças americanas em idade escolar aprenderam que o Congresso faz as leis e o presidente as aplica. Isso ajuda, mas apenas um pouco. A Constituição dos EUA é a fonte da autoridade do presidente, mas ela é um documento conciso, mais um esboço do que um plano completo (a constituição proposta para a União Européia é 35 vezes mais extensa). Ela deixa margem para cada presidente — sempre sujeito aos “freios e contrapesos” do Legislativo e do Judiciário — interpretar a extensão de seus poderes de acordo com a sua filosofia pessoal de governança e as demandas da época.

O Artigo II da Constituição começa com: “O poder executivo será investido no presidente dos Estados Unidos da América.” Ela estabelece o tempo de permanência no cargo — quatro anos — e relaciona várias categorias dos poderes presidenciais:

- O presidente é o “comandante-em-chefe” das Forças Armadas.
- O presidente pode conceder suspensão de penalidades e perdão para delitos legais.

- O presidente pode assinar tratados mediante “parecer e aprovação” de dois terços dos “senadores presentes”; nomear embaixadores e juizes da Suprema Corte, com confirmação da maioria do Senado; e indicar todos os outros ministros (...) e funcionários públicos dos Estados Unidos”.

- O presidente poderá “de tempos em tempos (...) recomendar as medidas que julgar necessárias e apropriadas”.

- O presidente pode vetar legislação aprovada pelo Congresso, veto esse sujeito à anulação por dois terços dos votos de cada casa do Congresso (Artigo I, Seção 7).

Embora outras disposições constitucionais limitem, de modo geral, os poderes de todo o governo federal, inclusive do presidente, o Artigo II é flexível. O presidente Calvin Coolidge (1923-1929) limitou o exercício do seu poder presidencial a um eventual ajuste na direção certa. Coolidge descreveu certa vez sua filosofia de governo: “Já temos leis suficientes, não preciso assinar mais nenhuma.”

Mas mesmo os presidentes determinados a interpretar seus poderes com rigor constataram que os assuntos de Estado os impulsionam para uma maior assertividade. O primeiro presidente, George Washington (1789-1797), no início interpretou de modo literal a disposição pela qual o presidente obtém “parecer” do Senado durante a negociação de tratados. Assim, em 22 de agosto de 1789, Washington apresentou-se ao Senado — espada em punho — para solicitar orientações específicas a fim de negociar um tratado pretendido com os índios creek. Como os senadores apresentavam moções cada vez mais contraditórias, John Quincy Adams, ele próprio um futuro presidente (1825-1829), confidenciou o resultado ao seu diário:



O presidente Richard Nixon visita a Grande Muralha, sinalizando o início das relações diplomáticas com a China em 1972

© AP Images

Quando Washington deixou o Senado, disse que poderia ser castigado se voltasse a pôr os pés lá. E desde essa época os tratados têm sido negociados pelo Executivo antes de serem apresentados para a análise do Senado.

Embora os poderes da Presidência tenham aumentado e diminuído em seus amplos limites constitucionais, os desafios internos e externos propagaram uma tendência de maior autoridade do Executivo. Durante a Grande Depressão dos anos 1930, por exemplo, o presidente Franklin D. Roosevelt (1933-1945) obteve a aprovação do Congresso para muitos programas do New Deal. Eles foram administrados pelas novas agências do Executivo, que refizeram grande parte da economia da nação ainda que aumentando o poder presidencial. Os Estados Unidos do século 20 emergiram como uma grande potência reforçando de modo semelhante o poder de comandante-em-chefe do presidente.

Esses desenvolvimentos não passaram sem contestação. Em 1935, a Suprema Corte declarou inconstitucional a Lei de Recuperação Nacional, peça fundamental da legislação do New Deal, sobrepondo a objeção veemente de Roosevelt. E os limites da autoridade presidencial para destacar soldados americanos sem uma declaração de guerra do Congresso permanecem politicamente controversos.

A complexidade da legislação moderna aumentou ainda mais o poder da Presidência. Considere-se a Lei da Água Potável Segura de 1974. O Congresso desejava estabelecer padrões mínimos de salubridade para a água potável pública, mas delegou a responsabilidade para a definição desses padrões à Agência de Proteção Ambiental (EPA), agência administrativa do Executivo. O Congresso rotineiramente autoriza a EPA e suas centenas de agências irmãs a promulgar e aplicar regulamentações que tratam das exigências previstas em lei. O Congresso pode derrubar uma regulamentação, mas há muito mais do que o Congresso tem condições de analisar. Nesse sentido, o “Estado administrativo” moderno tem transferido responsabilidades adicionais para o Executivo — e para o presidente.

Limitada constitucionalmente, mas flexível e vigorosa o suficiente para tratar dos desafios modernos, a Presidência continua a ser um elemento fundamental para a experiência em andamento de auto-suficiência do povo americano. ■

# A Valorização do Papel do Vice-Presidente

John M. Murphy e Mary E. Stuckey



Deixando o cargo, o presidente Ronald Reagan (à direita) cumprimenta o presidente George H.W. Bush em sua posse, em 20 de janeiro de 1989

Bob Daugherty/AP Images

As pressões institucionais, culturais e estruturais por um vice-presidente mais ativo continuarão a crescer. Durante a maior parte da história da nação, a Vice-Presidência, nas palavras amenizadas de um ocupante descontente, valia pouco mais do que um tostão furado. Antes da Segunda Guerra Mundial, os vice-presidentes ocuparam pouco a atenção do governo ou do público. Esses homens consideravam o cargo como um prelúdio agradável da aposentadoria, com pelo menos uma exceção notável

*A Vice-Presidência dos Estados Unidos cresceu em importância à medida que as demandas da Presidência aumentaram. Do mesmo modo, os vice-presidentes tornaram-se mais conhecidos do público americano e têm mais chance de ser eles próprios indicados — embora não necessariamente eleitos — à Presidência.*

*John M. Murphy é professor associado de Comunicação Oral da Universidade da Geórgia. É especializado em retórica política contemporânea.*

*Mary E. Stuckey é professora associada de Comunicação e Ciência Política da Universidade Estadual da Geórgia. Acabou de concluir um livro (ainda não editado) intitulado American in Light and Shadow: Presidential Articulation of National Identity [Americanos em Luz e Sombras: Articulação Presidencial da Identidade Nacional]; seus outros livros são: Strategic Failures in the Modern Presidency [Falhas Estratégicas na Presidência Moderna] e The President as Interpreter-in-Chief [O Presidente como Intérprete-Chefe].*

“Há uma velha história sobre uma mãe que tinha dois filhos. Um vai para o mar e o outro se torna vice-presidente dos Estados Unidos. Não se ouve falar mais de nenhum deles.” —Hubert H. Humphrey, vice-presidente dos Estados Unidos de 1965 a 1969.

representada por John C. Breckinridge, que após servir como vice-presidente de Buchanan, perdeu as eleições para presidente de 1860 e depois lutou contra os Estados Unidos como general-de-brigada confederado e secretário de Guerra durante a Guerra Civil americana (1861-1865). Esse precedente, não inteiramente feliz, não teve seguidores.

No entanto, após o surgimento do Estado administrativo e dos Estados Unidos como potência mundial, o vice-presidente não pôde mais ser ignorado. A aceleração do poder e da complexidade do governo dos EUA nas décadas subseqüentes significou que a Presidência não seria mais um cargo para uma só pessoa. Uma série de etapas incrementais, desde a atribuição de tarefas específicas até a alocação de espaço de escritório na Casa Branca, elevou o perfil e o poder do vice-presidente. Cada vez mais, o vice-presidente emerge como retórico valioso para o governo, em circunstâncias que vão do “Kitchen Debate” de Richard Nixon ao debate sobre o Acordo de Livre Comércio da América do Norte de Al Gore. Como resultado, tornou-se difícil para o presidente se sair bem com um vice-presidente inoperante.

Em resumo, a Presidência agora é muito grande. O presidente Bill Clinton convocou o vice-presidente e a primeira-dama como parceiros, e a confiança



Ruth Fremson/AP Images

O vice-presidente Al Gore e o presidente Bill Clinton em reunião no Old Executive Building em 1997

do presidente George W. Bush em Richard Cheney, principalmente no início do seu mandato, foi tão marcante que o colunista Lexington, da revista *The Economist*, observou que a Vice-Presidência está sendo elevada à categoria de um importante ministério.

Essa evolução do cargo coloca o vice-presidente sob os holofotes da opinião pública, tornando-o um postulante presidencial natural.

De fato, a natureza da política contemporânea em geral e das campanhas presidenciais em particular torna mais provável que os futuros presidentes façam campanha para seus vice-presidentes. Nas 11 disputas presidenciais entre 1960 e 2000, realizadas após o advento da televisão como uma força significativa e o declínio concomitante e debatido dos partidos políticos, vice-presidentes ou ex-vice-presidentes foram indicados nove vezes por seus partidos. Apenas duas vezes (Lyndon Johnson em 1964 e Gerald Ford em 1976) as candidaturas foram em decorrência da morte ou da renúncia do presidente e conseqüente ascensão do vice-presidente ao cargo de titular. Nas 11 eleições anteriores a esse período (1916 a 1956), apenas duas vezes os vice-presidentes ou ex-vice-presidentes foram os indicados dos seus partidos, e as duas vezes por morte do presidente anterior.

Uma vez que os presidentes recentes tiveram, por força das circunstâncias, que se valer mais dos seus vice-presidentes, esses antes desconhecidos ocupantes do cargo têm agora oportunidades inestimáveis de se estabelecer no consciente dos telespectadores nacionais. Além disso,

com um mínimo de cooperação presidencial, eles podem incluir consultores políticos nas folha de pagamento dos comitês nacionais, viajar extensivamente e com conforto a expensas do governo durante os anos anteriores à eleição e utilizar os recursos do poder executivo para elaborar políticas públicas. E, o que é mais importante no cenário atual, eles estão situados em condições ideais para levantar enormes quantias de dinheiro e deter ou sobrepujar oponentes em potencial. Em 1988, o então vice-presidente George H.W. Bush enfrentou uma lista descomunal de adversários em sua nomeação para presidente. Em 2000, a maioria dos democratas recusou-se a concorrer contra o vice-presidente Gore apesar dos escândalos de Clinton e do descontentamento de ativistas liberais com o governo, e Gore afastou seu único concorrente com a facilidade e o desdém que Michael Jordan sentia pelos Knicks de Nova York. Como o colunista político Jules Witcover ressaltou: “A Vice-Presidência, antes considerada como um relógio de ouro ganho por bons serviços prestados ao partido e uma passagem sem volta para o esquecimento político, passou a ser considerada de modo diferente.”

Resumindo, os presidentes agora necessitam de seus vice-presidentes para estabelecer, sedimentar e continuar com suas visões do país. Os presidentes não podem trabalhar sem a ajuda dos vice-presidentes; os presidentes não podem concorrer a um terceiro mandato e precisam se voltar os para vice-presidentes; e, em razão das vantagens políticas que os vice-presidentes desfrutam, os presidentes raramente podem, se é que podem, designar uma outra pessoa como seu herdeiro escolhido. No entanto, a argumentação usada pela maioria dos presidentes para ajudar seus vice-presidentes acaba por prejudicar os vices. Os presidentes ainda falam como se os vices fossem suas criaturas. Cada vez mais, eles não são. Chegamos ao ponto em que os vice-presidentes são parceiros próximos dos presidentes e são inevitavelmente indicados por seus respectivos partidos. São também quase que inevitavelmente perdedores na eleição geral. A retórica presidencial em nome dos vice-presidentes exemplifica a lei de conseqüências não intencionais; os presidentes nunca se preocupam em dizer adeus e, no entanto, a forma como se despedem apressam o afastamento de seus programas políticos e de seus herdeiros leais. ■

Extraído de “Never Cared to Say Goodbye: Presidential Legacies and Vice Presidential Campaigns” [Nunca se Preocuparam em dizer Adeus: Legados Presidenciais e Campanhas Vice-Presidenciais]. © *Presidential Studies Quarterly*, março de 2002. Reprodução autorizada.

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Sarah Palin, Candidata do Partido Republicano a Vice-Presidente

David Pitts



Stephan Savoia/AP Images

A governadora do Alasca, Sarah Palin, em campanha com John McCain em Ohio

*A governadora do Alasca compartilha da reputação de John McCain de reformista e de freqüentemente opor-se à plataforma do partido.*

*David Pitts é jornalista freelancer com artigos sobre política publicados em importantes jornais americanos como Washington Post, Washington Times, Philadelphia Inquirer, Baltimore Sun, entre outros.*

“**E**nfrentei os interesses especiais, os lobistas, as grandes empresas petrolíferas e as velhas forças do poder”, disse Sarah Palin, candidata republicana a vice-presidente, em seu discurso de aceitação na Convenção Nacional Republicana. Mãe de cinco filhos, tem muito orgulho das reformas que apoiou,

especialmente como governadora do Alasca.

As raízes de Sarah Palin estão no oeste americano. Ela nasceu em 1964 em Idaho, mas sua família mudou-se para o Alasca, que se tornou estado em 1959, quando ela era criança. Suas origens são modestas. Seus pais, agora aposentados, trabalharam para o sistema escolar. Sarah é formada em Jornalismo com especialização em Política pela Universidade de Idaho. É casada há 20 anos, e seu marido trabalha na indústria petrolífera e também é pescador profissional. Antes de entrar para a política, foi repórter esportiva na televisão. A outrora rainha da beleza, jogadora de basquete e treinadora adora caçar e pescar em suas horas livres, atividades típicas de muitos habitantes do Alasca.



John L. Russell/AP Images

Em 2007, Sarah Palin com a governadora de Michigan, Jennifer Granholm, mede *siding* (revestimento) a ser usado em uma casa das Habitações para a Humanidade em Michigan

Segundo reportagens da imprensa, uma das razões para o candidato republicano, John McCain, tê-la escolhido para companheira de chapa foi sua experiência executiva e legislativa. Sarah Palin cumpriu dois mandatos no conselho local de Wasilla (população: 8.500), cidade próxima a Anchorage. Ela também cumpriu dois mandatos como prefeita da cidade. Concorreu ao governo do Estado no outono de 2006 após vencer as primárias do Partido Republicano contra o governador em exercício, Frank Murkowski. Na eleição geral, derrotou um ex-governador com dois mandatos, defendendo uma plataforma de reformas.

Durante sua carreira política, Sarah Palin apresentou um desempenho em grande parte conservador, em especial, com relação às questões sociais. Ela é membro vitalício da Associação Nacional do Rifle (NRA), grupo de lobby defensor dos direitos dos proprietários de armas. Também é contra o aborto e pertence à organização Feministas pela Vida. Além disso, opõe-se ao casamento gay. Contudo, ela não é rígida em suas ideologias. Por

exemplo, o primeiro veto de Sarah como governadora foi de um decreto que teria proibido funcionários públicos homossexuais de contar com benefícios a parceiros. Ela é popular entre o povo do Alasca e tem recebido altos índices de aprovação, mesmo entre os homens rudes e duros da fronteira do estado. Ela é “uma política trabalhadora, a favor das empresas e sua postura amigável (aquele sorriso da Sarah) tornou-a palatável ao homem típico do Alasca no volante de sua picape”, segundo perfil publicado na revista *Alaska*.

### TRILHANDO SEU PRÓPRIO CAMINHO

Destaques de seu desempenho como governadora incluem a aprovação de um histórico projeto de lei sobre ética e oposição à corrupção, inclusive dentro de seu próprio partido político. Ela também opôs-se a “projetos demagógicos”, projetos que levam verba federal para eleitorados políticos, mesmo aqueles favorecidos por Republicanos. Sarah também fez questão de enfrentar as grandes companhias petrolíferas, tendo obtido um aumento fiscal sobre os lucros dessas companhias, cujas receitas estão sendo parcialmente devolvidas aos contribuintes do Alasca. Além disso, ela apoiou legislação determinando um período de um ano de espera para que os políticos comecem a trabalhar em grandes empresas estatais de energia após deixarem o governo.

Sarah Palin é totalmente favorável à liberalização das abundantes terras federais do estado para empresas de energia. Como McCain, ela defende a perfuração de poços de petróleo em alto-mar, mas ao contrário dele também apóia a perfuração no Refúgio Nacional de Vida Selvagem do Ártico (ANWR). Em junho de 2007, sancionou a Lei de Incentivo de Gasoduto do Alasca destinada a facilitar um gasoduto que distribuiria gás natural do North Slope a consumidores de toda a América do Norte.

Apesar de sua reputação por defender uma administração ética e lutar contra interesses especiais, Sarah Palin atualmente está sendo investigada por uma comissão do Legislativo do Estado do Alasca. No início deste ano, ela demitiu o comissário de Segurança Pública, que mais tarde afirmou ter perdido o emprego por causa de sua relutância em despedir um policial estadual envolvido em uma batalha de custódia e divórcio com a irmã de Sarah. Até o início de setembro, a investigação não havia sido concluída. Sarah Palin afirma que a acusação não tem fundamento.

Em uma aparição conjunta em Dayton, Ohio, quando McCain apresentou Sarah, o candidato

republicano retratou sua companheira de chapa como uma política independente muito parecida com ele, que tem “superado as divisões políticas” e trabalhado com os democratas para fazer com que as coisas aconteçam. McCain elogiou Palin como pessoa de “profunda solidariedade” que luta “contra a corrupção”. Sarah Palin descreveu-se como “uma mãe que acompanha os filhos nos jogos de hóquei”, cujo objetivo é “desafiar o *status quo* e servir o bem comum”. Em suas declarações, elogiou a abordagem de McCain com relação ao Irã, ao Iraque e à recente crise na Geórgia.

A escolha de uma mulher por McCain para ser a candidata republicana a vice-presidente foi vista por grande parte da imprensa americana como uma tentativa de atrair os partidários descontentes de Hillary Clinton, desapontados por ela não estar na chapa democrata. Sarah especificamente mencionou a campanha sem sucesso de Hillary, afirmando que com um voto para McCain-Palin “nós podemos romper aquele teto de vidro” que Hillary rachou. O “teto de vidro” é um obstáculo invisível que impede mulheres e minorias de avançar a posições de liderança. Hillary Clinton esperava romper o teto de vidro vencendo a disputa mais importante, a Presidência dos Estados Unidos.

Assessores de McCain declararam que Sarah Palin tornaria a chapa republicana mais competitiva no Oeste montanhoso. Eles também afirmaram que a relativa juventude de Sarah – ela tem 44 anos, três anos menos do que Obama – também era importante para McCain, que

a apresentou ao público americano em seu aniversário de 72 anos, em 29 de agosto.

Em entrevista para a revista *People* logo após a escolha de Sarah Palin, McCain disse: “Acho que o importante é que ela é uma reformista”, ponto enfatizado por ele em entrevista à rede de televisão Fox News dois dias após sua estréia como candidata a vice-presidente. Questionado se Palin tinha experiência suficiente em segurança nacional, McCain afirmou que sua companheira de chapa tem “o julgamento correto” e que ela acrescenta à chapa “um espírito de reforma e mudança”. Como consequência da escolha de McCain – independentemente do que aconteça nas eleições de novembro – os Estados Unidos terão o seu primeiro presidente afro-americano ou a primeira mulher na Vice-Presidência. Geraldine Ferraro foi a primeira mulher a concorrer à Vice-Presidência em uma chapa de um partido importante quando o candidato democrata Walter Mondale a escolheu como sua companheira de chapa em 1984. Contudo, a chapa Mondale-Ferraro foi derrotada naquele ano pelo presidente em exercício do Partido Republicano, Ronald Reagan, e seu vice-presidente, George Herbert Walker Bush, pai do atual presidente. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Joe Biden, Candidato do Partido Democrata à Vice-Presidência

David Pitts



Candidato democrata à Vice-Presidência, o senador Joe Biden ouve a pergunta durante evento de campanha na Flórida

*O senador americano traz valores da classe média e ampla experiência em política externa para a campanha presidencial de Barack Obama.*

*O jornalista freelancer David Pitts é ex-redator do Departamento de Estado.*

“**C**onsidero meu papel em ajudar a terminar o genocídio nos Bálcãs e em assegurar a aprovação da Lei de Combate à Violência contra a Mulher como os momentos dos quais mais me orgulho na vida pública.” Assim escreveu em 2007 o senador Joseph R. Biden, candidato democrata à Vice-Presidência dos Estados Unidos, em sua autobiografia *Promises to Keep: On Life and Politics* [*Promessas a Cumprir: na Vida e na Política*].

O passado de Biden é fundamental para entender essa auto-avaliação. Católico irlandês, nasceu em uma família modesta em 1942 em Scranton, cidade no nordeste da Pensilvânia constituída principalmente por trabalhadores. Sua mãe era dona de casa; seu pai, vendedor de carros. A família mudou-se para o estado de Delaware quando Biden tinha 10 anos. Ele foi o primeiro da família a obter um diploma universitário, formando-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Syracuse, em Nova York.

O divisor de águas da carreira política de Biden aconteceu quando foi eleito pela primeira vez para o Senado americano representando Delaware, em 1972, aos 29 anos de idade. Algumas semanas antes de tomar posse, sua esposa e filha morreram em um acidente de carro.



M. Spencer Green/© AP Images

Obama e Biden acenam para a multidão em Springfield, Illinois, em agosto de 2008

Seus dois filhos mais novos sobreviveram ao acidente, mas ficaram gravemente feridos. (Biden casou-se novamente em 1977, união que resultou em uma filha.) Outro fato lastimável ocorreu em 1988 quando foi diagnosticado com dois aneurismas cerebrais potencialmente fatais. Sua recuperação foi longa e dolorosa. Ele ficou ausente do Senado por sete meses, acamado na maior parte do tempo.

Durante sua carreira no Senado, Biden apresentou um desempenho predominantemente liberal. Embora seja admirado pelos republicanos e tenha trabalhado além das divisões partidárias, na maioria das vezes Biden tem apoiado seu próprio partido. Por exemplo, segundo o *Washington Post*, no atual Congresso ele votou com os democratas 96,6% das vezes. Ele “é amplamente considerado um internacionalista de mente liberal”, escreveu Michael Gordon no *New York Times*. “Biden tem enfatizado a necessidade de diplomacia, no entanto, está preparado para fazer uso da ameaça de força.”

Em seus primeiros anos no Senado, Biden concentrou-se em questões internas, em particular liberdades civis, aplicação das leis e direitos civis. Tornou-se membro da Comissão de Justiça em 1975 e foi seu presidente de 1987 a 1995. A realização legislativa mais significativa de Biden durante esse período foi a histórica Lei de Combate à Violência contra a Mulher (1994), de

sua autoria. Essa lei fornece bilhões de dólares em verbas federais para combater crimes de gênero. Mas Biden, algumas vezes, afastou-se da visão liberal convencional. Por exemplo, foi um defensor ferrenho de leis mais rígidas com relação às condenações por drogas. Também se opôs ao ônibus escolar com o objetivo de alcançar integração racial de escolas ao mesmo tempo que destacava seu compromisso com os direitos civis.

### UMA PERSPECTIVA DE RELAÇÕES EXTERIORES

Biden tem se destacado no Senado na área de Relações Exteriores. É membro da influente Comissão de Relações Exteriores do Senado desde 1975 e foi seu presidente de 2001 a 2003 e de 2007 até a presente data. Barack Obama foi designado para essa comissão após ser eleito para o Senado em 2004 e passou a conhecer Biden mais de perto ao trabalharem juntos. Atualmente Obama lidera a subcomissão para a Europa, outrora presidida por Biden. Contudo, Obama e Biden discordaram sobre uma questão fundamental de política externa. Biden votou a favor da resolução final do Senado autorizando a invasão do Iraque pelos EUA, ao passo que Obama (que ainda não estava no Senado naquela época) manifestou-se contra a decisão.

Entretanto, antes da votação para a resolução final Biden trabalhou com o senador republicano por Indiana Richard Lugar para aprovar uma resolução autorizando ação militar somente após a exaustão dos esforços diplomáticos. Biden votou a favor da autorização da guerra após a resolução ter sido rejeitada. Mas também votou contra uma emenda que exigia que o governo Bush obtivesse autorização antes de invadir o Iraque. Em 2005, Biden definiu seu voto a favor da invasão do Iraque como “um erro”. Em uma aparição conjunta em Springfield, Illinois, após Obama ter escolhido Biden como seu companheiro de chapa, o portador do estandarte democrata disse que seu vice é “especialista em política externa e seu coração e valores têm raízes sólidas na classe média”. Obama também chamou Biden de “um crítico ferrenho da política externa de Bush-McCain e voz para um novo rumo na luta contra terroristas e no fim da guerra do Iraque de modo responsável”.

Durante o período na Comissão de Relações Exteriores do Senado, Biden viajou muitas vezes para o exterior e conhece bem não somente muitos líderes estrangeiros, mas também seus vices e principais assessores — além de líderes da oposição. Também lidou com questões significativas como controle de armas, proliferação nuclear, ampliação da Otan, rivalidade das superpotências e relações dos EUA com o Terceiro Mundo. Tem sido também um defensor implacável da Iniciativa Global de Combate à Aids e um dos primeiros simpatizantes dos esforços para controlar as emissões de carbono e os gases de efeito estufa. (Biden foi o primeiro a redigir a legislação de controle climático há duas

décadas.) De modo geral, tem também apoiado acordos de livre comércio. O senador de vários mandatos tem um interesse especial pela África. Foi um dos primeiros críticos do regime do *apartheid* na África do Sul. Em Darfur, defendeu ações mais enérgicas para interromper o derramamento de sangue nessa cidade.

A realização mais significativa de política externa de Biden, segundo a maioria dos observadores, foi seu esforço para combater hostilidades nos Bálcãs durante os anos 1990. Dizia-se que Biden era uma voz influente conclamando o governo Clinton a adotar medidas contra o líder sérvio Slobodan Milosevic. Em sua aparição em Springfield, Obama disse que Biden “ajudou a moldar políticas que terminariam com as mortes nos Bálcãs”. Especificamente, Biden pediu intervenção para pôr fim à limpeza étnica dos muçulmanos na Bósnia. Mais tarde, apoiou a campanha de bombardeios da Otan para forçar a Sérvia a deixar Kosovo.

Biden concorreu à indicação de candidato à Presidência duas vezes — em 1988 e novamente este ano. Nas duas vezes não foi bem-sucedido. A campanha de Obama disse que Biden foi escolhido como companheiro de chapa por muitas razões, mas citou principalmente a experiência do senador por Delaware e seu desempenho em política externa. Se eleito, Biden será o primeiro vice-presidente católico e o primeiro vice-presidente de Delaware. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# O Papel da Primeira-Dama

Carl Sferrazza Anthony



Cortesia: Biblioteca do Congresso

Martha Washington, a primeira “primeira-dama”, era chamada de “Lady Washington”

*Desde Martha Washington, no século 18, as primeiras-damas dos Estados Unidos têm ocupado posição de grande visibilidade, ainda que indefinida, no governo dos Estados Unidos. O autor descreve como várias primeiras-damas desempenharam esse papel singular segundo seus próprios interesses e os períodos em que viveram.*

*Carl Sferrazza Anthony é autor de First Ladies: The Saga of the Presidents’ Wives and Their Power [Primeiras-Damas: A Saga das Esposas de Presidentes e Seu Poder], obra de dois volumes que faz uma análise de todas as primeiras-damas de 1789 até 1990, e de outros livros sobre as famílias presidenciais.*

O papel da primeira-dama, esposa do presidente dos EUA, evoluiu de alguém que dita a moda e promove jantares na Casa Branca para uma posição mais substancial. Embora tenham surgido opiniões divergentes sobre o papel da mulher na sociedade, a primeira-dama ainda é um modelo para as mulheres americanas. Uma das ocupações de mais destaque no governo dos EUA, não tem deveres oficiais nem salário e conta com possibilidades quase ilimitadas. A primeira-dama pode influenciar o presidente e até mesmo exercer certo grau de poder político em relação às políticas e à legislação.

Ter uma “primeira-dama” faz parte da vida dos americanos desde a instituição do regime presidencial, em 1789. Embora os Estados Unidos tivessem conquistado havia pouco a independência da Grã-Bretanha, após a Revolução Americana, a esposa do primeiro presidente, Martha Washington (1789-1797), foi tratada pelas elites das primeiras cidades capitais — Nova York e Filadélfia — como se fosse uma “dama” da corte real britânica. Era citada em público como “Lady Washington”, seu apelido popular desde a época da Guerra da Independência.

Sua sucessora imediata, Abigail Adams (1797-1801), também conquistou certa fama pessoal durante a Revolução por suas opiniões altamente políticas expressas em cartas a seu marido e a outros legisladores. Durante a Presidência de seu marido foi criticada e recebeu o apelido de “Mrs. President” por declarar publicamente suas opiniões político-partidárias.

Entremeando elementos cerimoniais e políticos, a esfuziante Dolley Madison (1809-1817) estabeleceu de modo firme esse novo arquétipo nacional. Durante a Guerra de 1812, arriscou a própria vida para retirar da Casa Branca em chamas tesouros valiosos, ícones dos incipientes Estados Unidos. Seu heroísmo fez dela uma lenda e a identificou no imaginário popular como uma “mulher de presidente” ideal. Dolley Madison vestia-se com roupas elegantes para atrair a atenção da imprensa, mas permanecia democraticamente acessível a todos os



Eleanor Roosevelt viajou pelo Pacífico Sul durante a Segunda Guerra Mundial e visitou doentes em hospitais militares

cidadãos. Ela liderou um esforço para órfãos e perseguiu a igualdade de acesso das mulheres a lugares públicos, de audiências na Suprema Corte a restaurantes especializados em ostras e frutos do mar. Dolley Madison criou o padrão pelo qual todas as suas sucessoras foram avaliadas até o tempo da ativista humanitária internacional Eleanor Roosevelt (1933-1945).

A expectativa pública em relação a essa posição estava tão estabelecida em meados do século 19 que quando Harriet Lane (1857-1861) ocupou a posição de anfitriã para seu tio — James Buchanan, o único presidente solteiro — um novo título foi usado para ela, abrangendo tanto as esposas como outras mulheres da família que serviam de anfitriãs para os presidentes viúvos ou solteiros — primeira-dama. O título foi registrado pela primeira vez em 1860, no *Leslie's Illustrated Newspaper*.

### UMA CRÔNICA DAS PRIMEIRAS-DAMAS

As realizações e atividades das mulheres que ocuparam o posto de primeira-dama entre Dolley Madison e Eleanor Roosevelt não atraíram grande atenção pública, mas eram frequentemente dignas de nota. Julia Tyler (1844-1845) foi a primeira a ser fotografada e teve sua imagem divulgada publicamente em uma gravura. Mary Lincoln (1861-1865) foi a primeira a se ver envolvida em polêmicas e a aparecer em editoriais

da imprensa. Lucy Hayes (1877-1881) foi a primeira a ser usada em propaganda comercial. Frances Cleveland (1886-1889 e 1893-1897) foi a primeira a divulgar um comunicado à imprensa no qual negava boatos de um escândalo sobre sua vida privada. Helen “Nellie” Taft (1909-1913) foi a primeira a participar do desfile de posse do marido, declarar seu apoio ao sufrágio feminino e conquistar a credibilidade pública pelo lobby bem-sucedido a favor da legislação federal. Edith Wilson (1915-1921), para proteger o marido enquanto ele se recuperava de um derrame cerebral, tornou-se a primeira-dama a assumir

a administração da Presidência, levando muitas pessoas a considerá-la algo como a primeira “primeira-dama presidente”. Florence Harding (1921-1923) foi a primeira a votar, a fazer discursos e a declarar publicamente seu senso de obrigação de intervir em assuntos do governo que afetam determinados grupos, como os veteranos, as mulheres que trabalham fora e as sociedades humanitárias.

O marido de Eleanor Roosevelt, o presidente Franklin Roosevelt, teve poliomielite, doença que o impedia de andar e, portanto, tirava sua liberdade de movimentos para inspecionar várias situações pelo país. A senhora Roosevelt assumiu esse importante papel e dizia que agia como se fosse os “olhos e ouvidos” do presidente. Além das suas atribuições como primeira-dama, Eleanor Roosevelt escrevia uma coluna para uma revista mensal e para um jornal diário, dava palestras e apresentava um show de rádio semanal, além de ter escrito vários livros. Ela foi uma figura internacional influente no cenário mundial.

Suas sucessoras imediatas, Bess Truman (1945-1953) e Mamie Eisenhower (1953-1961), foram anfitriãs e benfeitoras assistenciais mais tradicionais. Jacqueline Kennedy (1961-1963) acrescentou os papéis de historiadora e decoradora, uma vez que comandou a restauração e preservação histórica da Casa Branca e de outros locais públicos e era uma patrocinadora das



© AP Images

Jacqueline Kennedy visitou o Taj Mahal em Agra, Índia, em 1962

artes e da cultura dos Estados Unidos. A fascinação do mundo pela senhora Kennedy intensificou-se porque ela falava vários idiomas e visitou a América do Sul, a Ásia e

nações européias. Junto com o surgimento da televisão e o movimento crescente pela igualdade das mulheres em todas as esferas da vida, havia uma expectativa pública quando as primeiras-damas se manifestavam sobre questões da atualidade adequadas às suas forças, ambições, conhecimento e interesses.

### UM PAPEL MAIS SUBSTANCIAL

Lady Bird Johnson (1963-1969) tornou-se pioneira no desenvolvimento de movimentos de proteção ambiental e renovação urbana, promovendo legislação federal que buscava restaurar vias públicas, devolvendo-lhes sua paisagem original, e mudar visualmente locais danificados.

Betty Ford (1974-1977) suscitou controvérsias com seu debate franco sobre questões políticas que afetavam as mulheres, registrando seu apoio à decisão da Suprema Corte que aprovou o direito da mulher de optar pelo aborto e fazendo lobby nos legislativos estaduais para a aprovação da Emenda sobre Igualdade de Direitos. Ao tornar público seu câncer de mama, ela ajudou a erradicar o tabu contra a discussão de problemas de saúde que afetavam milhões de mulheres.

Rosalynn Carter (1977-1981) defendeu perante o Congresso a ajuda a pessoas com problemas crônicos



Mario Cabrera/AP Images

A primeira-dama Barbara Bush lê para pré-escolares em Nova York em 1990

de saúde mental, liderou um esforço global de auxílio aos refugiados cambojanos e realizou várias reuniões significativas com líderes políticos e militares das Américas Central e do Sul como representante do presidente.

Nancy Reagan (1981-1989) liderou uma campanha para persuadir crianças em idade escolar a não usar drogas ilícitas, ajudou a monitorar os compromissos de seu marido para assegurar que seus conselheiros permanecessem leais às suas políticas e incentivou a amizade do presidente Reagan com o presidente soviético Mikhail Gorbachev, que acabou resultando em um tratado de redução de armas.

Barbara Bush (1989-1993) liderou um esforço para reduzir o analfabetismo adulto, acreditando ser ele causa subjacente de muitos problemas sociais.

Em 2001, Hillary Clinton (1993-2001) tornou-se a única ex-primeira-dama eleita para um cargo público, o Senado americano. Como primeira-dama, ela liderou uma iniciativa de reforma na área de saúde para oferecer seguro a todos os americanos. No papel mais tradicional de primeira-dama, criou um jardim de esculturas ao ar livre e expôs arte americana contemporânea nas salas históricas da Casa Branca. Em 2008, Hillary Clinton quase obteve

a indicação de seu partido para concorrer às eleições para presidente dos Estados Unidos.

Laura Bush (2001- até a presente data) iniciou seu mandato como primeira-dama incentivando a leitura na infância, mas ampliou sua influência para uma vasta gama de assuntos, que incluem as doenças cardíacas em mulheres, a ajuda a jovens em situação de risco com metas positivas, o aumento do apoio federal a bibliotecas e a capacitação de professores. Também fez viagens independentes à Ásia, ao Oriente Médio e à África, promovendo o acesso igualitário à assistência médica e à educação para as mulheres. Teve destaque seu apoio público aos monges budistas perseguidos em Mianmar.

As viagens das primeiras-damas, suas causas e atividades são eventos que atraem a atenção da mídia nos Estados Unidos. Em decorrência de suas relações com os presidentes, elas são celebridades políticas e desde os primórdios têm sido capazes de usar sua posição para influenciar estilos e defender causas sociais e políticas. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# A Família McCain

Kelly Bronk



John McCain apareceu na capa da revista *People* com a mulher Cindy e os sete filhos

*John McCain e a esposa Cindy trilharam caminhos diferentes para servir o país: ele a serviço do governo e ela em empresas filantrópicas e comerciais. A família de McCain é formada por sete filhos e quatro netos.*

*Kelly Bronk é estudante do último ano de Jornalismo da Universidade Northwestern, em Illinois.*

**N**a tradição americana de famílias reconstituídas, a família de John McCain é um exemplo didático em todos os sentidos da palavra. A numerosa família do senador inclui sete filhos, cujas

idades variam de 48 a 16 anos e abrangem dois casamentos, mais quatro netos.

Os três filhos mais velhos de McCain vêm de seu relacionamento com Carol Shepp, uma modelo com quem se casou em 1965. McCain adotou os dois filhos pequenos do casamento anterior de Carol, Doug e Andrew, e o casal teve uma filha, Sidney.

Doug, 48, seguindo os passos do pai, serviu como piloto na Marinha dos Estados Unidos. Atualmente piloto da American Airlines, mora com a esposa na Virgínia e tem dois filhos. O outro filho adotivo de McCain, Andrew, é vice-presidente e diretor financeiro da Hensley & Company, empresa de distribuição de cerveja que pertence à família da atual esposa de McCain, Cindy. Andrew mora no Arizona, é casado e tem dois filhos. A filha mais velha de McCain, Sidney, reside em Toronto, Ontário, e trabalha na indústria da música como gerente geral da V2 Records, no Canadá.

Para os três filhos mais velhos de McCain, crescer significou lidar com a ausência prolongada do pai, mantido em um campo norte-vietnamita de prisioneiros de guerra durante cinco anos e meio. “Na verdade não senti a falta de um pai, pois eu não sabia o que era um pai”, disse Sidney, que tinha nove meses quando o pai foi capturado, em entrevista concedida a *New York Times*.

Depois do fim da Guerra do Vietnã,

McCain voltou para casa em 1973.

“Lá tive muito tempo para pensar e cheguei à conclusão de que uma das coisas mais importantes da vida — além da família — é dar alguma contribuição ao seu país”, escreveu McCain em artigo para a revista *U.S. News & World Report* em que descreve suas experiências de guerra.

Depois de sua volta, o casamento de McCain com a primeira esposa jamais foi o mesmo, e o casal acabou se divorciando. Continuaram amigos ao longo dos anos, e ela tem torcido por sua carreira política.

McCain encontrou sua segunda esposa, Cindy



Mary Altaffer/AP Images

Três gerações da família de John McCain: a esposa Cindy McCain, a mãe Roberta McCain e a filha Meghan McCain no Mississippi.

Hensley, em 1979. Ela frequentava a Universidade do Sul da Califórnia, onde se formou em Educação e fez mestrado em Educação Especial. Depois de formada, lecionou para crianças deficientes. Cindy conheceu McCain quando estava de férias no Havaí, e depois de um breve namoro casaram-se em 1980. Eles têm quatro filhos, inclusive uma filha adotiva.

Cindy McCain, 54, dedicou boa parte da vida adulta ao trabalho humanitário, especialmente como defensora de questões de assistência à saúde de crianças. Em 1988, fundou a Equipe Médica Voluntária Americana, organização sem fins lucrativos que coordena viagens de ajuda humanitária para profissionais da área médica. Ela está também muito envolvida com organizações internacionais não-governamentais, entre as quais HALO, Operação Sorriso e CARE.

Além de seu trabalho humanitário, Cindy McCain é também uma experiente mulher de negócios. Atualmente, é presidente do Conselho de Administração da Hensley & Company, empresa de sua família e uma das maiores distribuidoras de cerveja dos Estados Unidos. Embora Cindy tenha herdado o controle da empresa depois da morte de seu pai em 2000, a Hensley & Company prosperou sob sua direção e está avaliada hoje em mais de US\$ 250 milhões.

A filha mais velha do segundo casamento de McCain, Meghan, 23, formou-se recentemente pela Universidade de Colúmbia. Durante a faculdade ela se interessou por jornalismo e está atualmente escrevendo um blogue ([www.mccainblogette.com](http://www.mccainblogette.com)) sobre a experiência de trabalhar na campanha do pai.

Jack, 22, cursa o quarto ano da Academia Naval dos EUA em Annapolis, Maryland. Como o pai, espera tornar-se piloto da Marinha. Continuando com o longo legado militar da família, Jim, 20, é fuzileiro naval de primeira classe, tendo servido no Iraque, de onde retornou recentemente.

Os McCains adotaram a filha mais nova, Bridget, hoje estudante do ensino médio com 16 anos de idade, no orfanato de Madre Teresa, em Bangladesh, quando ela tinha apenas 10 semanas de vida. ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# A Família Obama

Kelly Bronk



Mr. Spencer Green/AP Images

Barack Obama relaxa com a mulher Michelle e a filhas Malia (à direita) e Sasha em 2004

*Barack Obama e sua esposa Michelle dedicaram grande parte de sua vida adulta ao serviço público. Eles têm duas filhas pequenas.*

*A estudante de Jornalismo Kelly Bronk estagiou no Departamento de Estado durante o verão de 2008.*

**S**e Barack Obama ganhar a eleição presidencial em novembro de 2008, os Obamas serão a primeira família afro-americana a se mudar para a Casa Branca.

Obama e sua mulher, Michelle, 44, estão bem conscientes da importância dessa campanha inovadora e o que essa disputa histórica significa para muitos americanos. Em seus discursos de campanha, Michelle Obama quase sempre menciona uma menina de 10 anos que encontrou em uma loja de beleza na Carolina do Sul e que lhe disse que se Obama for eleito presidente “isso significa que posso imaginar qualquer coisa para mim”.

“Ela poderia ter sido eu”, disse Michelle Obama à *Newsweek*. “Porque a verdade é que não era de se supor eu estar aqui, neste lugar. Sou uma singularidade estatística. Menina negra, criada no lado sul de Chicago. Era de se esperar que eu fosse para Princeton? Não. (...) Disseram que talvez a Escola de Direito de Harvard fosse demais para mim. Mas fui em frente e me saí bem. E certamente não era de se esperar que eu estivesse aqui.”

Michelle Robinson nasceu e foi criada em uma família da classe trabalhadora de Chicago, Illinois. Seu pai trabalhou no Departamento de Águas municipal e foi chefe de seção democrata, enquanto sua mãe trabalhava em casa e cuidava dela e de seu irmão mais velho, Craig.

Ela deu duro na escola e conseguiu uma vaga na Universidade de Princeton, na turma de 1985. Depois de se formar em Sociologia com especialização em Estudos Afro-Americanos, frequentou a Escola de Direito de Harvard.



Rob Ostermaier/© AP Images

Michelle Obama lê para crianças em uma escola militar em Norfolk, Virgínia

Barack Obama e Michelle Robinson conheceram-se em 1989 quando ela, então sócia do escritório de advocacia Sidley & Austin em Chicago, Illinois, foi designada para ser mentora de Obama, na época estagiário.

Obama convidou Michelle para participar de uma de suas sessões de organização comunitária em Chicago. Ela aceitou e participou de uma reunião, em que, segundo contou à *Newsweek*, ele falou para os participantes sobre diminuir a distância entre “o mundo como ele é e o mundo como deveria ser”.

Eles continuaram a sair e se casaram em 1992. Os Obamas compartilham uma paixão pelo serviço público e dedicaram grande parte de sua vida adulta a carreiras no setor público.

Depois de deixar a prática jurídica corporativa, onde se conheceram, Michelle Obama ocupou diversos cargos no governo de Chicago e foi diretora executiva fundadora da Aliados Públicos – Chicago, organização que incentiva

juvencos a procurar emprego no serviço público. Mais recentemente, atuou como vice-presidente de Assuntos Comunitários e Externos no Centro Médico da Universidade de Chicago.

“Ela certamente parece ser alguém que aproveitaria o pódio proporcionado pela Casa Branca”, disse Myra Gutin, historiadora e professora de Comunicações da Universidade Rider, em Nova Jersey. “Ela é brilhante, se expressa com clareza e eficácia e tem experiência profissional em administração.”

Os Obamas acreditam que seu entusiasmo pelo serviço público e seu grande sucesso profissional ajudarão Obama a vencer a eleição de novembro. Mas para Obama duas das forças propulsoras por trás de

seu desejo de ser presidente e ter um impacto positivo no mundo são suas duas filhas – Malia, 10, e Sasha (diminutivo de Natasha), 7. Se Obama vencer a eleição, suas filhas serão as moradoras mais jovens da Casa Branca desde Amy Carter, que tinha 9 anos quando seu pai, Jimmy Carter, foi eleito presidente em 1976.

“Minha vida gira em torno das minhas duas meninas”, disse Obama em discurso no Dia dos Pais em uma igreja de Chicago. “E o que penso é que tipo de mundo estou deixando para elas. O que percebi é que a vida não tem muito valor a menos que você esteja disposto a fazer sua pequena parte para deixar para nossos filhos — para os filhos de todos nós — um mundo melhor. Essa é nossa principal responsabilidade como pais.” ■

---

*As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.*

# Terceiros Partidos nas Eleições dos Estados Unidos



J. Scott Applewhite/© AP Images

Da esquerda para a direita: o ex-candidato presidencial republicano Ron Paul, Cynthia McKinney do Partido Verde, Chuck Baldwin do Partido da Constituição e o candidato independente Ralph Nader em defesa de maior inclusão na mídia dos candidatos presidenciais de terceiro partido em coletiva de imprensa em 8 de setembro de 2008

Os partidos Republicano e Democrata há muito tempo dominam o cenário político dos EUA. Desde 1856, todos os presidentes escolhidos pelos eleitores americanos pertenciam a um desses dois partidos. Mas há mais de 30 outros partidos políticos, conhecidos como “terceiros partidos”. Os candidatos também podem concorrer como independentes, sem nenhuma filiação partidária.

Muitos dos numerosos pequenos partidos ou candidatos independentes têm sido fatores importantes nas eleições — por chamar atenção para problemas de campanha que de outro modo poderiam ser ignorados ou por aumentar o comparecimento dos eleitores que enviam mensagens aos principais partidos com votos de protesto. Em alguns casos, afirmam especialistas em política, um candidato de um terceiro partido também pode mudar o resultado de uma eleição. Na história recente, um dos mais notáveis candidatos de terceiro partido é Ralph Nader, que recebeu 2,7% do voto popular como candidato do Partido Verde em 2000. Nader não recebeu nenhum voto do Colégio Eleitoral,

mas alguns democratas ainda argumentam que Nader custou a Al Gore a Presidência ao receber votos que muito provavelmente teriam ido para o candidato democrata.

Nader está entre as dezenas de candidatos potenciais de terceiros partidos que concorrem à Presidência em 2008, embora desta vez esteja concorrendo como independente. Entre eles está o candidato Bob Barr do Partido Libertador. Barr é ex-congressista republicano. A candidata presidencial pelo Partido Verde é Cynthia McKinney, ex-parlamentar democrata da Geórgia.

Os terceiros partidos atuais que têm mais de 100 mil eleitores nacionais registrados são o social e economicamente conservador Partido da Constituição, o de centro-esquerda Partido Verde e o Partido Libertador, conservador no setor fiscal, mas socialmente liberal. Entre os terceiros partidos menores encontram-se diversos partidos estaduais conservadores, o Partido do Centro, o Partido Socialista e o Partido Comunista. ■

# Recursos Adicionais

Livros, artigos, sites e filmes sobre John McCain, Barack Obama e o processo político americano

## LIVROS E ARTIGOS

### John McCain

Brock, David e Paul Waldman. *Free Ride: John McCain and the Media [Atenção Gratuita: John McCain e a Mídia]*. Nova York, NY: Anchor Books, 2008.

Douglass, Linda. "McCain's Turning Point" ["O momento decisivo para McCain"], *National Journal*, vol. 40, no. 17 (26 de abril, 2008): pp. 24-28.  
[http://www.nationaljournal.com/njmagazine/cs\\_20080426\\_1107.php](http://www.nationaljournal.com/njmagazine/cs_20080426_1107.php)

Kellerhals, Merle D. "Candidate McCain Aims to Revitalize U.S. Global Standing" ["O Candidato McCain Visa Revitalizar a Posição Global dos Estados Unidos"]  
<http://www.america.gov/st/elections08-english/2008/July/20080725142235dmslabrellek0.8933222.html?CP.rss=true>

McCain, John e Mark Salter. *Character Is Destiny: Inspiring Stories Every Young Person Should Know and Every Adult Should Remember [Caráter é Destino: Histórias Inspiradoras que Todos os Jovens Devem Conhecer e Todos os Adultos Devem se Lembrar]*. Nova York, NY: Random House, 2005.

McCain, John. *Deterrence in Decay: The Future of the U.S. Defense Industrial Base: The Future of the U.S. Defense Industrial Base: The Final Report of the CSIS Defense Industrial Base Project [Dissuasão em Decadência: O Futuro da Base Industrial de Defesa dos EUA: Relatório Final do Projeto da Base Industrial de Defesa do CSIS]*. Washington, DC: Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 1989.

McCain, John. "An Enduring Peace Built on Freedom" ["Uma Paz Duradoura Construída na Liberdade"], *Foreign Affairs*, vol. 86, no. 6 (novembro/dezembro 2007): pp. 19-34.

McCain, John e Mark Salter. *Faith of My Fathers [A Fé dos Meus Pais]*. Nova York, NY: Random House, 1999.

McCain, John e Mark Salter. *Hard Call: Great Decisions and the Extraordinary People Who Make Them [Chamado Difícil: Grandes Decisões e as Pessoas Extraordinárias que as Tomam]*. Nova York, NY: Twelve, 2007.

McCain, John e Mark Salter. *Why Courage Matters: The Way to a Braver Life [Por que Coragem é Importante: O Caminho para uma Vida Mais Corajosa]*. Nova York, NY: Random House, 2004.

McCain, John e Mark Salter. *Worth the Fighting For: The Education of an American Maverick and the Heroes Who Inspired Him [Vale a Pena Lutar: A Educação de um Americano Independente e os Heróis que o Inspiraram]*. Nova York, NY: Random House Trade Paperbacks, 2003.

Welch, Matt. *McCain: The Myth of a Maverick [McCain: O Mito de um Independente]*. Nova York, NY: Palgrave Macmillan, 2007.

Wells, Catherine. *Political Profiles: John McCain [Perfis Políticos: John McCain]*. Greensboro, Carolina do Norte: Morgan Reynolds Pub., 2008.

Whitford, David. "The Evolution of John McCain" ["A Evolução de John McCain"], *Fortune*, vol. 158, no. 1 (7 de julho, 2008): pp. 56-58, 60, 62, 64, 66.

### Barack Obama

Brill, Marlene Targ. *Barack Obama: Working to Make a Difference [Barack Obama: Trabalhando para Fazer a Diferença]*. Mineápolis, Minnesota: Millbrook Press, 2006.

Dupuis, Martin e Keith Boeckelman. *Barack Obama, the New Face of American Politics [Barack Obama, a Nova Face da Política Americana]*. Westport, Connecticut: Praeger, 2008.

Easton, Nina. "What Obama Means for Business" ["O Que Obama Significa para os Negócios"], *Fortune*, vol. 158, no. 1 (7 de julho, 2008): pp. 68-70, 72, 74, 76, 78.

Kellerhals, Merle D. "Obama Emphasizes Multilateral U.S. Foreign Policymaking" ["Obama Enfatiza Formulação de Políticas Externas Multilaterais dos EUA"]  
<http://www.america.gov/st/elections08-english/2008/July/20080725162819dmslabrellek0.840069.html?CP.rss=true>

Mansfield, Stephen. *The Faith of Barack Obama [A Fé de Barack Obama]*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2008.

Obama, Barack. *A Audácia da Esperança: Reflexões Sobre a Reconquista do Sonho Americano*. São Paulo, SP: Laurosse do Brasil, 2007.

Obama, Barack. *A Origem dos Meus Sonhos*. São Paulo, SP: Editora Gente, 2008.

Obama, Barack. “Renewing American Leadership” [*Renovando a Liderança Americana*], *Foreign Affairs*, vol. 86, no. 4 (julho/agosto de 2007): pp. 2-16.

Price, Joann F. *Barack Obama: A Biography [Barack Obama: Uma Biografia]*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2008.

Street, Paul L. *Barack Obama and the Future of American Politics [Barack Obama e o Futuro da Política Americana.]* Boulder, Colorado: Paradigm Publishers, 2008.

Sullivan, Andrew. “Goodbye to All That” [“Adeus a Tudo Isso”], *The Atlantic*, vol. 300, no. 5 (dezembro, 2007): pp. 40-42, 44, 46, 48-49, 52, 54.  
<http://www.theatlantic.com/doc/200712/obama>

Wagner, Heather L. *Barack Obama*. Nova York, NY: Chelsea House Publishers, 2008.

Wilson, John K. *Barack Obama: This Improbable Quest [Barack Obama: A Busca Improvável]*. Boulder, Colorado: Paradigm, 2008.

## PARA JOVENS LEITORES

Bourcier, Cammy S. *Barack Obama*. Filadélfia, Pensilvânia: Mason Crest Publishers, 2008.

Davis, William. *Barack Obama: The Politics of Hope [Barack Obama: A Política da Esperança]*. Stockton, Nova Jersey: OTTN Pub., 2008.

Feinstein, Stephen. *Barack Obama*. Berkeley Heights, Nova Jersey: Enslow, 2008.

Kozar, Richard. *John McCain*. Filadélfia, Pensilvânia: Chelsea House Publishers, 2002.

Sapet, Kerrily. *Political Profiles: Barack Obama [Perfis Políticos: Barack Obama]*. Greensboro, Carolina do Norte: Morgan Reynolds, 2008.

Schuman, Michael. *Barack Obama: “We Are One People” [Barack Obama: “Somos um Único Povo”]*. Berkeley Heights, Nova Jersey: Enslow Publishers, 2008.

Stewart, Gail B. *John McCain*. Detroit, Michigan: Lucent Books, 2008.

Williams, Spencer. *John McCain: An American Life [John McCain: Uma Vida Americana]*. Nova York, NY: Grosset e Dunlap, 2008.

Wizner, Kira. *John McCain: Profile of a Leading Republican [John McCain: Perfil de um Líder Republicano]*. Nova York, NY: Rosen Publishing Group, 2008.

## RECURSOS DA INTERNET

Guia para a Eleição de 2008  
<http://uspolitics.america.gov/uspolitics/elections/index.html>

Uma Longa Campanha  
<http://www.america.gov/media/pdf/ejs/ijdp1007.pdf>

The New York Times: A Longa Corrida  
Vida e Carreira dos Candidatos à Presidência em 2008  
<http://topics.nytimes.com/top/news/politics/series/thelongrun/index.html>

Site oficial da campanha  
[www.BarackObama.com](http://www.BarackObama.com)

Site oficial da campanha  
[www.johnmccain.com](http://www.johnmccain.com)

Centro de Imprensa Estrangeira em Washington:  
Webliografia de John McCain  
<http://fpc.state.gov/fpc/101266.htm>

Centro de Imprensa Estrangeira em Washington:  
Webliografia de Barack Obama  
<http://fpc.state.gov/fpc/101270.htm>

## FILMOGRAFIA

### Documentários:

#### Democracy in America [Democracia nos Estados Unidos] (2003)

Produtor: Annenberg/CPB

Sinopse: Recurso em vídeo para professores de educação cívica; mostra exemplos de democracia em ação.

Duração: 30 minutos

#### Framework for Democracy [Estrutura para a Democracia] (2002)

26 partes — 30 minutos cada, produzido em 2002

Produtor: Intelcom

Sinopse: Esta série desmistifica as excentricidades de um governo democrático no século 21. Está associada ao livro de Tom Patterson, historiador da Universidade de Harvard, *We the People [Nós o Povo]*, publicado pela McGraw-Hill.

Duração: 30 minutos

**Vote for Me: Politics in America [Vote em Mim: Política nos Estados Unidos] (1996)**

Produtor: Centro para a Nova Mídia Americana  
Sinopse: Série de entretenimento que aborda a cultura americana conforme refletida nas campanhas políticas americanas em todo o país.  
Duração: 60 minutos

**Filmes de longa-metragem:**

**Tempestade sobre Washington (Advise and Consent) (1962)**

<http://www.imdb.com/title/tt0055728/>  
Produtor: Columbia Pictures Corp.  
Sinopse: Drama que retrata o embate de personalidades políticas e interesses no Capitólio em Washington durante uma investigação do Senado sobre a escolha do presidente de um novo secretário de Estado.  
Duração: 138 minutos

**Todos os Homens do Presidente (All the President's Men) (1976)**

<http://www.imdb.com/title/tt0074119/>  
Produtor: Warner Bros.  
Sinopse: Na corrida para a eleição presidencial em 1972, o repórter Bob Woodward do *Washington Post* faz a cobertura do que parece ser uma simples invasão no quartel-general nacional do Partido Democrata. O editor do *Post* está preparado para cobrir os dois lados da história e designa Woodward e Carl Bernstein para investigá-la.  
Duração: 138 minutos

**A Grande Ilusão (All the King's Men) (1949)**

<http://www.imdb.com/title/tt0041113/>  
Produtor: Columbia Pictures Corp.  
Sinopse: Willie Stark, um dinâmico advogado da zona rural, galgou seu caminho para o palácio do governo com a ajuda de sua secretária interesseira, Sadie Burke, e do repórter Jack Burden. Uma vez eleito, Willie usa seu encanto sem escrúpulos para tornar-se um ditador brutal, mas sua insaciável sede de poder ameaça arruinar o monarca e seu reino.  
Duração: 109 minutos

**Vassalos da Ambição (The Best Man) (1964)**

<http://www.imdb.com/title/tt0057883/>  
Produtor: United Artists Corp.  
Sinopse: Sátira dos bastidores da política que descreve a amarga luta pela indicação de candidato a presidente de um partido entre um difamador ambicioso e hipócrita e um intelectual reflexivo e escrupuloso que se vê frente a frente com a necessidade de usar as táticas difamadoras de seu oponente.  
Duração: 102 minutos

**O Candidato (The Candidate) (1972)**

<http://www.imdb.com/title/tt0068334/>  
Produtor: Warner Bros.  
Sinopse: O advogado da Califórnia Bill McKay luta pelo homem comum. Seu carisma e integridade fazem com que seja notado pela máquina do Partido Democrata e ele é persuadido a se candidatar para o Senado contra um titular do cargo aparentemente inatacável.  
Duração: 110 minutos

**A Conspiração (The Contender) (2000)**

Produtor: Dreamworks Pictures  
Sinopse: Laine Hanson, senadora, é indicada para vice-presidente após a morte do titular do cargo, mas durante o processo de confirmação ela é vítima de um grave ataque à sua vida pessoal.  
Duração: 126 minutos

**O Homem que se Vendeu (The Great McGinty) (1940)**

<http://www.imdb.com/title/tt0032554/>  
Produtor: Paramount  
Sinopse: Dan McGinty, inicialmente apenas um vagabundo, prova sua tenacidade a um chefe da máfia que o admite; ele ganha a posição de vereador e depois de prefeito, em uma administração corrupta da cidade.  
Duração: 82 minutos

**Segredos do Poder (Primary Colors) (1998)**

<http://www.imdb.com/title/tt0119942/>  
Produtor: Tele-München UGC PH, BBC e Marubeini/Toho-Towa; Universal Pictures  
Sinopse: Um homem participa da campanha política de um hábil candidato a presidente dos EUA.  
Duração: 143 minutos

**A Vida Íntima de um Político (The Seduction of Joe Tynan) (1979)**

<http://www.imdb.com/title/tt0079875/>  
Produtor: Universal Pictures  
Sinopse: O respeitado senador liberal Joe Tynan é solicitado a liderar a oposição em uma reunião na Suprema Corte.  
Duração: 107 minutos

**Sua Esposa e o Mundo (State of the Union) (1948)**

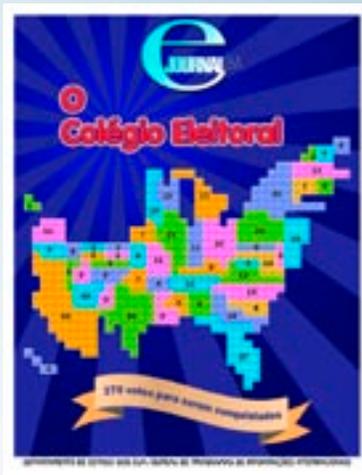
<http://www.imdb.com/title/tt0040834/>  
Produtor: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM)  
Sinopse: Um industrial é pressionado a se candidatar a presidente, mas isso requer concessões incômodas nos níveis político e pessoal.  
Duração: 124 minutos



**America.gov**  
*Telling America's Story*

## Home page de eJournal USA

<http://www.america.gov>



**UMA REVISTA  
MENSAL  
OFERECIDA  
EM DIVERSOS  
IDIOMAS**

